



**Universidade Federal do Pará
Centro de Letras e Artes**

Rosamaria Reo Pereira

*A presença Inglesa no Brasil e sua influência nas obras
de Escritores Brasileiros do Século XIX.*

**Belém
2005**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CENTRO DE LETRAS E ARTES

Rosamaria Reo Pereira

*A presença Inglesa no Brasil e sua influência nas obras de
Escritores Brasileiros do Século XIX*

Dissertação de Mestrado em Teoria Literária
apresentada à Coordenação do Curso de Pós-Graduação
do Centro de Letras e Artes da Universidade Federal do
Pará como parte dos requisitos para obtenção do grau de
Mestre em Teoria Literária.

Orientadora: Profª. Dra. Germana Maria Araújo Sales.

Belém
2005

*Para
José e Rosina,
meus pais.*

AGRADECIMENTOS

Por mais individual que um trabalho como este possa aparecer, ele é, na verdade, resultado de cooperações. Há várias pessoas que, em momentos e de maneiras diversas, colaboraram para que a pesquisa, a reflexão e o ânimo de continuar a empreitada seguissem adiante. Assim, é uma grande satisfação agradecer, de modo especial,

A DEUS que me deu forças para realizar essa tarefa;

À minha querida mãe ROSINA, pelo carinho e apoio incondicional em todos os momentos de minha vida;

À minha família, pela compreensão e incentivo.

À Profa. Dra. GERMANA MARIA ARAÚJO SALES, orientadora no sentido pleno da palavra, a quem devo a oportunidade de ter feito este estudo e em quem encontrei, além de uma interlocutora entusiasta, uma cúmplice de descobertas feita ao longo do caminho. Sem dúvida, os anos de nosso convívio acadêmico foram fundamentais para o meu amadurecimento intelectual;

À Profa. Dra. MÁRCIA ABREU, pela sua atenção e carinho ao me indicar algumas obras sobre o tema da pesquisa;

Ao meu primo FRANCISCO JOSÉ RIO BARBOSA, pela sua atenção, carinho e boa vontade ao me auxiliar com o computador;

À DANUZA OLIVEIRA pela sua atenção, carinho e competência, ao me auxiliar na formatação final dessa dissertação.

Às queridas professoras TATIANA de MACEDO, CRISTINA PORTO e WALKYRIA MAGNO e SILVA, que leram partes do trabalho em diferentes etapas de sua elaboração;

À querida amiga ROSANA ASSEF FACIOLA, pelo apoio, carinho e amizade;

Aos amigos MARCUS ARAÚJO e GISELE RIBEIRO pela gentileza em partilhar seus livros comigo;

À minha amiga de todas as horas, MILA, que me fez companhia nos piores e melhores momentos da elaboração desse trabalho, mostrando-se uma verdadeira companheira;

Aos funcionários do Laboratório de Linguagem, especialmente REGINA IZABEL B. de CASTRO, pelo carinho e competência;

À Universidade Federal do Pará que, por meio dos meus colegas do Departamento de Línguas e Literaturas Estrangeiras, concedeu-me liberação de carga horária;

Aos meus professores do curso de Mestrado em Teoria Literária da Universidade Federal do Pará pelas experiências trocadas.

*Se não existir algo bom em
nosso interior, por mais que
alguém tente nos ensinar algo de
fora, jamais o conseguirá.*

Seicho Taniguchi.

Sumário

Resumo	08
Abstract	09
Introdução	10
Capítulo I – A Presença Inglesa e sua influência no Brasil	
1. A participação dos ingleses na vida social, política e cultural do Brasil do século XIX	13
1.2 Testemunhos de alguns viajantes ingleses e seus relatos sobre o Brasil.	21
Capítulo II – A importância do romance inglês na formação da literatura brasileira do século XIX	
2. A ascensão e formação do romance inglês	27
2.1. Votos contra o romance	32
2.2. Votos a favor do romance como educador do leitor.	35
2.3. A consolidação do novo gênero: o romance.	38
2.4. O romance inglês e sua contribuição para a formação de nossos escritores brasileiros do século XIX.	50
Capítulo III – A presença dos ingleses na literatura brasileira do século XIX	
3. As influências inglesas nos romances de José de Alencar e Machado de Assis	58
3.1. A intertextualidade presente nas obras de Machado de Assis: influências inglesas	67
Considerações Finais	93
Referencias	95

RESUMO

Esta dissertação tem por objetivo investigar a presença dos escritores ingleses nas obras de escritores brasileiros do século XIX. Os romancistas ingleses que se destacaram na Inglaterra do século XVIII foram Daniel Defoe, Samuel Richardson e Henry Fielding. Eles contribuíram para ascensão e consolidação do romance como gênero literário. No Brasil, o romance desenvolveu-se com maior liberdade e atraiu o público leitor. O novo público começa a ler romances que recriavam a cidade, as ruas e a vida de uma classe social emergente: a burguesia. O novo gênero que surgiu na Inglaterra promoveu o crescimento do comércio, a proliferação de revistas e jornais, de cunho popular e literário. Os escritores brasileiros como José de Alencar e Machado de Assis sofreram influências dos escritores ingleses, no entanto, essa influência não foi refletida somente nos romances desses escritores, foi sentida também nos negócios, na cultura e na vida social do Brasil. Alguns exemplos dessa presença são igualmente revelados nas obras de Machado de Assis por meio das citações, das referências e das alusões. Machado de Assis, sempre quando possível, faz referências aos escritores ingleses tanto dos séculos XVI e XVIII quanto do século XIX, tais como Shakespeare, Swift, Fielding, Sterne, Lamb e Dickens entre outros romancistas ingleses.

Palavras-chave: Influência inglesa. Escritores brasileiros e ingleses. Intertextualidade. Romance Inglês.

ABSTRACT

This thesis has the main objective to investigate the presence of the English writers on the works of the Brazilian writers of the XIX century. The English novelists who were important at that time were Daniel Defoe, Samuel Richardson and Henry Fielding. They contributed to the rising and consolidation of the novel as a literary genre. In Brasil, the novel developed itself with a greater freedom and attracted the public reader. The new public started to read the novels which re-created the cities, the streets and the lives of the people who were emerging from a social class called: bourgeoisie. The new genre which appears in England increased business, with the proliferation of magazines and newspapers of popular and literary topics. The Brazilian writers such as José de Alencar and Machado de Assis were influenced by these English writers; however, this influence was not only reflected on the novels of those writers, but also on business, on culture and on the social life in Brazil. Some narratives, written by José de Alencar, show in a subtle way, the British influence, their habits and customs over the economic, political and cultural life of Brazil of the XIX century. Some other examples of this presence are revealed on the works of Machado de Assis through quotations, references and allusions. Machado de Assis in his novels does some references to English writers either from the XVI and XVIII century or from the XIX century, such as Shakespeare, Swift, Fielding, Sterne, Lamb and Dickens, among other English writers.

Keywords: English influence. Brazilian and English writers. Intertextuality. English novel.

Introdução

*Desta luta entre o espírito conterrâneo
e a invasão estrangeira, são reflexos
Lucíola, Diva, A pata da gazela, e tu,
livrinho, que aí vais correr mundo com o
rótulo de Sonhos D'Ouro.*

(Sonhos D'Ouro, José de Alencar)

O romance tornou-se a principal forma de diversão e informação dos ingleses na Inglaterra do século XVIII. Este período marcou o começo de uma longa e intensa discussão sobre o novo gênero, que surgia. Os autores ingleses que mais se destacaram foram Daniel Defoe, Samuel Richardson e Henry Fielding. Foi nos préfacios que esses escritores refletiram sobre os objetivos e os problemas técnicos que eles enfrentaram naquela época. Essa atividade reflexiva que acompanha o período de formação do romance se diversificou, invadindo periódicos, revistas literárias e conquistando leitores. O tema principal do novo gênero literário era a vida privada e doméstica do ser humano, com o qual ganhou popularidade, a partir de 1740, na Inglaterra, com a publicação do romance *Pamela*, de Samuel Richardson.

Os livreiros e gabinetes de leituras foram os principais responsáveis pela difusão e circulação de romances em terras brasileiras. A fundação da Imprensa Régia em 1808, a suspensão da censura em 1821 e o crescente estabelecimento de livreiros franceses no Rio de Janeiro, também foram responsáveis pela divulgação da leitura de romances ingleses no Brasil.

A literatura inglesa rompeu fronteiras e sua presença no Brasil se deu por meio da abertura dos portos brasileiros às nações amigas, promulgada por D. João VI em 1808. Com a vinda da família Real para o Brasil e os sérios problemas causados pela política de Napoleão, a Inglaterra via com alegria a possibilidade de abertura de novos negócios na Colônia brasileira. Era interesse da Inglaterra assinar alguns acordos estabelecendo o comércio entre os dois países, assegurando também as vantagens e privilégios que os cidadãos ingleses teriam posteriormente, no Brasil.

Esta dissertação está dividida em três capítulos na qual discutiremos a presença inglesa na literatura brasileira do século XIX. No Capítulo I observa-se a presença dos

ingleses em nosso país no século XIX, a importância dessa influência para a modernização da nação. Depois da abertura dos portos às nações amigas em 1808, os ingleses se expandiram com suas instituições e negócios de penetração política, econômica e intelectual e cultural no Brasil. Portugal e Inglaterra assinaram uma série de tratados e acordos, e em 1811, já havia na cidade do Rio de Janeiro 207 estabelecimentos comerciais portugueses e 75 ingleses. Na década de 20, vários comerciantes ingleses se estabeleceram na rua Direita, na rua da Alfândega e na rua dos Pescadores. Além deles, outros profissionais poderiam ser encontrados tais como os ferreiros, sapateiros, alfaiates e lojistas. Vagarosamente, a importação de mercadorias inglesas repercutiu sobre a vida social, econômica e cultural nos mais distintos aspectos da vida cotidiana. Gilberto Freyre investigou a presença destas mercadorias na sociedade brasileira, examinou os anúncios de jornais do século XIX, e constatou a procura por talheres, louça, hábitos alimentares, mobiliário, fazendas, roupas, chapéus, selas, carruagens, relógios, produtos farmacológicos e as inovações arquitetônicas advindas do uso do ferro e do vidro. Com o fortalecimento dos laços comerciais e a fixação cidadãos britânicos na cidade do Rio de Janeiro, a importação de livros e idéias se intensificou permitindo a ampliação do léxico com a introdução de anglicismos. No mesmo capítulo, encontra-se um breve histórico da presença de viajantes ingleses que vieram observar de perto nossa vida social e cultural, registrando tudo em seus livros que foram publicados em vários países do mundo.

No capítulo II encontra-se a fundamentação teórica referente à ascensão e consolidação do romance na Inglaterra no século XVIII, votos a favor e contra o romance e a contribuição do romance inglês na formação de nossos escritores brasileiros do século XIX. O estudo da consolidação do romance no Brasil será de extrema importância para podermos compreender a sua influência em terras brasileiras, especialmente no século XIX. O romance inglês foi bastante consumido no Brasil, e de fato, os escritores ingleses como Defoe, Richardson e Fielding contribuíram para o desenvolvimento da prática de leitura de romances em nosso país.

No capítulo III observa-se que tal influência é registrada na literatura brasileira do século XIX, quando alguns escritores brasileiros como Joaquim Antonio de Macedo (1820-1882), José de Alencar (1827-1877) e Machado de Assis (1839-1908) apresentaram em suas obras, a interferência não só dos escritores ingleses como também dos hábitos e costumes do povo inglês. Nesse sentido, são abordados igualmente nesse capítulo aspectos da intertextualidade em alguns romances e contos de Machado de Assis. É notória a influência que nossos escritores do século XIX, especialmente José de Alencar e Machado de Assis

receberam dos escritores ingleses e de como eles assimilaram essas características em seus romances. No mesmo capítulo apresento um quadro no qual destaco todas as referências e citações retiradas das obras de José de Alencar e Machado de Assis, classificando-as de acordo com sua categoria, tais como: vocabulário, usos e costumes, expressões, cidadãos e escritores, ficção e lugares.

Esse estudo tem como fundamentação teórica os estudiosos Sandra Guardini T. Vasconcelos e Ian Watt que se dedicam ao estudo das questões fundamentais a respeito da ascensão e da formação do romance como gênero. Igualmente, temos Mikhail Bakhtin e Julia Kristeva que defendem a idéia de que um texto é elaborado como se fosse um tecido de muitas vozes, ou seja, nenhum texto pode ser lido sem que várias outras influências se manifestem. Discute-se também o papel do leitor erudito, conceituado por Germana Sales, que esclarece que o leitor vai reconhecer qualquer informação cultural ou histórica quando estiver lendo determinada obra literária.

Assim, a partir da vontade de discutir a presença inglesa na literatura brasileira do século XIX, nasceu esse trabalho que se ocupou em pesquisar a vinda dos ingleses para o Brasil no Século XIX com suas instituições, agências, hábitos e cultura, e a partir dessa vinda do povo inglês para o solo brasileiro é que surgiu a idéia de investigar a importância do romance inglês e sua contribuição para a formação do público leitor brasileiro e para a formação literária de dois de nossos escritores brasileiros do século XIX: José de Alencar e Machado de Assis.

A Presença Inglesa e sua influência no Brasil

My love, my soul, my darling Harriet, my pretty

Mrs. Trowsky!

(Sonhos D'Ouro, José de Alencar)

1. A participação dos Ingleses na vida social, política e cultural do Brasil no século XIX.

Os ingleses começaram a chegar muito cedo aos países da América Latina – ainda na época das grandes navegações e tanto quanto os franceses estiveram nas costas brasileiras como piratas, aventureiros e negociantes. Com o passar do tempo se distanciaram dos franceses, seus rivais por vários anos, alcançando uma larga influência que foi muito acentuada entre os anos de 1835 e 1912 ¹.

Esta preponderância inglesa sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil se deu mais exatamente com a vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, transferência que foi ocasionada por uma série de conflitos europeus: o expansionismo da França liderado por Napoleão Bonaparte que chegava ao território de Portugal e os conflitos entre França e Inglaterra, que obrigaram Napoleão a impor o bloqueio continental. A Inglaterra ficou proibida de comercializar com os países europeus, e, com esse bloqueio, a situação de Portugal ficou muito delicada, pois Napoleão queria que Portugal abandonasse sua velha amizade com a Inglaterra, juntando-se ao grupo continental liderado pela França. Tal fato

¹ CARVALHO, Beth Capelache de. *O velho charme inglês na paisagem de Santos*. www.novomilenio.inf.br/santos/hoi50g.htm. p. 01. 04/05/2003.

seria vantajoso para a Inglaterra, pois com os portos europeus fechados para os ingleses, estes teriam, por outro lado, o privilégio de ter a costa brasileira à sua disposição para o comércio.

Houve declarada influência inglesa na fuga da família Real para o Brasil, que viu com grande entusiasmo a possibilidade de abertura de novos mercados nas colônias portuguesas. Assim, D. João VI, em janeiro de 1808, deixou Portugal e procurou refúgio em sua colônia brasileira, cumprindo, em seguida, os acordos pré-estabelecidos com o governo inglês:

Logo depois de sua chegada à Bahia em janeiro de 1808, D. João cumpria as cláusulas dos acordos assinados com o governo inglês e não só abria o comércio com o Brasil à Inglaterra como também assegurava a esse país, e a seus cidadãos, vantagens e privilégios não concedidos a quaisquer outros ².

Os dois países – Portugal e Inglaterra – assinaram, em 1810, um tratado de comércio que beneficiaria principalmente a Inglaterra pela ajuda dada a Portugal na ocasião da pressão exercida por Napoleão. Dessa forma, os cidadãos ingleses tinham certos direitos em Portugal, assim como nas colônias brasileiras. Eles tinham garantidas as transações comerciais, e também:

(...) o direito de viajar e residir em domínios portugueses; o respeito à propriedade; a liberdade religiosa e o privilégio da extraterritorialidade, através da figura do Juiz Conservador da Nação, a quem ficavam afeitas as causas jurídicas de interesse dos ingleses ³.

Os ingleses instalaram-se nas colônias brasileiras com suas instituições e agências de penetração econômica, política e intelectual. A presença dos ingleses nos negócios chegou a provocar uma certa irritação por parte dos brasileiros por causa dos abusos do imperialismo inglês nas colônias brasileiras. Percebe-se essa repulsa por meio da cantiga de carregadores de piano publicada pelo Sr. Silvino Lopes numa de suas crônicas:

“Não se pesca mai de rede
Não se pode mai pescá,

² VASCONCELOS, Sandra G. T. *A Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas)*. op. cit., p. 01. 05/06/2004.

³ Ibid., p. 02.

qui já sube da nutiça
que os ingrês comprou o má”⁴.

Em 25 de abril de 1821, a Família Real partiu de volta para Lisboa. Entretanto, os ingleses continuaram com seus interesses e negócios no Brasil. Foi entre 1825 e 1827 que o domínio inglês no Brasil atingiu seu auge. Contudo, essa influência começou a declinar nos anos seguintes por causa dos conflitos que surgiram devido à posição negativa do governo inglês em relação ao tráfico de escravos:

Mesmo com a partida da família Real de volta para Lisboa, em 25 de abril de 1821, os ingleses mantiveram aqui seus interesses e privilégios e, entre 1825 e 1827, o domínio britânico no Brasil alcançou seu auge. Nenhuma outra potência estrangeira ocupava posição tão importante no terreno da navegação, comércio e investimentos ou exercia, do ponto de vista político, uma espécie de protetorado sobre o Império, tendo, entretanto, essa influência começado a declinar, nos anos seguintes, devido principalmente aos atritos que surgiram em virtude das posições defendidas pelo governo inglês em relação ao tráfico de escravos⁵.

De qualquer forma, a influência inglesa foi extremamente importante para o progresso industrial brasileiro, conforme observa Gilberto Freyre:

(...) as primeiras fundações modernas, o primeiro cabo submarino, as primeiras estradas de ferro, os primeiros telégrafos, os primeiros bondes, as primeiras moendas de engenho moderno de açúcar, a primeira iluminação a gás, os primeiros barcos a vapor, as primeiras redes de esgotos foram, quase todas, obras de inglês⁶.

Por causa de sua localização estratégica, Recife foi vista pelos ingleses como um ponto economicamente interessante para seus negócios no Brasil. Recife estava mais próxima da Europa e da África, do que qualquer outra província brasileira. Daí o número considerável de firmas britânicas que vieram se estabelecer na capital de Pernambuco, ou antes, no

⁴ FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1948. p. 55.

⁵ VASCONCELOS, Sandra G. T. *A Formação do Romance Brasileiro: 1808-1850 (Vertentes Inglesas)*. p. 02.

⁶ FREYRE, Gilberto. op. cit., p.52.

Nordeste, a região que viria a ser dominada pela *Great Western*: Charles Roope e Cia. (Rua dos Trapiche), Deanne Youle e Cia. (Rua do Torres), Fox Brothers (Rua da Conceição), entre outros.

Podemos atribuir aos ingleses a introdução no país de vários comportamentos, tais como:

(...) terno branco, do chá, do pão de trigo, da cerveja, do whisky, do beef, do rosbife, do pijama de dormir, do piano inglês, do relógio e sapato inglês, o gosto pelos romances policiais, pelos pique-niques, pelo sanduíche, pelo lanche, pela figura ou maneira do gentleman, pelo passeio a cavalo, pelo falar baixo e rir sem ruído, pelo bar, pelo clube, pelo molho inglês, pela governanta inglesa, pela palavra de inglês, pelo breakfast, pelo poker, etc ⁷.

Machado de Assis ao comentar o lançamento de um livro de culinária, assinalava com uma certa ironia as modificações no quotidiano da população do Rio de Janeiro do século XIX, chamando a atenção do leitor à introdução de novos hábitos alimentares oriundos da presença britânica no Brasil:

É fora de dúvida que a literatura confeitológica sentia necessidade de mais um livro em que fossem compendiadas as novíssimas fórmulas inventadas pelo engenho humano para o fim de adoçar as amarguras deste vale de lágrimas (...).

No meio dos graves problemas sociais, cuja solução buscam os espíritos investigadores do nosso século, a publicação de um manual de confeitaria só pode parecer vulgar a espíritos vulgares; na realidade, é um fenômeno eminentemente significativo. Digamos todo o nosso pensamento: é uma restauração, é a restauração do nosso princípio social. O princípio social do Rio de Janeiro, como se sabe, é o doce de coco e a compota de marmelos. Não foi outra também a origem da nossa indústria doméstica. No século passado e no anterior, as damas, uma vez por ano, dançavam minuete, ou iam ver correr argolinhas; mas todos os dias faziam renda e todas as semanas faziam doces, de modo que o bilro e o tacho, mais ainda do que os falcões de Estácio de Sá lançaram os alicerces da sociedade carioca (...).

Ora, qual era a nossa situação há dez ou quinze anos? Há dez anos ou quinze

⁷⁷ FREYRE, Gilberto. op. cit., p. 56-57.

anos, penetrou nos nossos hábitos um corpo estranho, o bife cru. Esse anglicismo só tolerável a uns sujeitos como os rapazes de Oxford, que alternam os estudos com regatas, e travam o remo com as mesmas mãos que folheiam Hesíodo, esses anglicismos, além de não quadrar ao estômago fluminense, repugna aos nossos costumes e origens. Não obstante, o bife cru entrou nos hábitos da terra; bife cru *for ever*, tal é a divisa da recente geração.

(...) A grande maioria acode às urgências do estômago com a sandwich, não é menos peregrina que o bife cru, e não menos sórdida; ou com croquete, estrangeirice do mesmo quilate; e a decadência e a morte dos doces parecem inevitáveis.⁸

Não podemos deixar de mencionar que o jornalismo brasileiro iniciou suas atividades em Londres, conforme aponta Gilberto Freyre:

O Correio Brasiliense fundado em Londres em 1808 por Hipólito José da Costa, brasileiro casado com inglesa e protegido pelo Duque de Sussex e pela maçonaria britânica⁹.

Hipólito José da Costa tornou-se grande amigo de Augusto Frederico, o duque de Sussex, filho do rei George III. Hipólito fazia parte da maçonaria, cuja ordem secreta era a liberdade religiosa. Ao fazer uma viagem oficial a Londres, em 1802, inteirou-se da maçonaria inglesa, tornando-se membro da ordem. Retornando para Lisboa, foi preso pelo Santo Ofício em Portugal, entretanto, conseguiu escapar da prisão e, algum tempo depois, fugiu e foi morar em Londres. Com a ajuda de seus irmãos maçons, Hipólito conseguiu sobreviver. Para Hipólito, a vinda para o Brasil da família Real era algo inédito, pois a intenção dele era trabalhar para uma imprensa livre de censuras. Protegido pelo duque de Sussex, tornou-se protegido, também, pelas leis inglesas, e, com essa proteção, Hipólito teve a oportunidade de fazer *observações e críticas à administração dos negócios portugueses*.¹⁰

Durante o século XIX era possível encontrar nos jornais *Gazeta do Rio de Janeiro* (1813-1814), no *Jornal Commercio* e no *Diário de Pernambuco* anúncios de leiloeiros, não só

⁸ ASSIS, Machado de. “Notas semanais d’O Cruzeiro” (02/06/1887), in *Chronicas* v. 4. pp. 12-14. (Atualização ortográfica de NS) Apud SCHAPOCHNIK, Nelson. *Uma Biblioteca Desaparecida: The Rio de Janeiro British Subscription Library*. Disponível em : www.unicamp.br/irl/memória/caminho/estudos/index.htm p. 02 Acesso em: 27/05/2005.

⁹ FREYRE, Gilberto. op. cit., p. 60.

¹⁰ LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da Imprensa Brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003. p. 13.

ingleses, como de outros europeus residentes no Brasil. Os leilões aqui no Brasil foram de grande importância na propagação de bens de consumo do povo inglês:

Os anúncios de leilões não só de ingleses como de outros europeus residentes no Brasil, e os de leiloeiros ingleses do Rio de Janeiro, de Pernambuco, da Bahia que negociavam com mercadorias britânicas ou objetos de britânicos e de burgueses britanizados – anúncios publicados nos jornais da primeira metade do século XIX – nos deixam ver que esses leilões concorreram poderosamente para propagar gostos novos não só de estilos de moveis e de estilos de ingleses, de talheres e de louça (...) os clássicos, como Milton, os românticos como o acreditado Walter Scott, os tratadistas ingleses como Adam Smith, o Robinson Crusoe, as Viagens de Gúliwer, e artigos ingleses como as máquinas de engomar, os selins e as carruagens, entre outros objetos.¹¹

Economicamente, até o final do século XIX, os ferroviários ingleses viriam desempenhar um papel importante no desenvolvimento econômico do país, tanto na área de produção, como no setor da exportação. Esta valorização se deu por meio do desenvolvimento do transporte ferroviário, que nas primeiras décadas do século XIX colaborou para que os produtos brasileiros fossem exportados para a Europa. Ouro, diamante, pedras preciosas, açúcar, algodão, fumo e o pau-brasil foram, de início, os principais produtos brasileiros importados pelos ingleses.

Politicamente, a posição privilegiada da Inglaterra sobre a colônia brasileira era extremamente vantajosa:

(...) mesmo depois de proclamada a independência brasileira, de promulgado pelo novo Império um código criminal, de instituído um sistema judiciário próprio, o Governo britânico ter inflexivelmente recusado a reconhecer como satisfatórios os juizes consagrados pela Constituição do Império, mantendo aqui os seus especialíssimos “juizes conservadores”: um privilégio extraterritorial que só desapareceria de todo em 1844. À sombra de tais privilégios e que a economia brasileira fora imperialmente dominada pela britânica; de tal modo que em 1812 o Brasil consumia vinte e cinco por

¹¹ FREYRE, Gilberto. op. cit., p. 229-230.

cento de artigos ingleses do que a Ásia inteira (...) ¹².

A assinatura do Tratado de Comércio e Navegação entre os dois países, em 1810, deu à Inglaterra ampla autoridade para participar imperialmente sobre a vida comercial e civil do Brasil:

(...) o Tratado de Navegação e Comércio, dizia que o único propósito do acordo era consolidar e fortalecer a antiga amizade e bom entendimento que tão felizmente subsiste, e tendo durado tantas épocas, subsistiu entre duas Coroas, e melhorar e aumentar os efeitos benéficos, para mútua vantagem dos seus súditos ¹³.

A influência tecnológica e cultural foi também sentida sobre a colônia brasileira. Numerosos eram os técnicos ingleses, engenheiros residindo no Brasil com a intenção de oferecer seus serviços, assim como poderíamos encontrar outros profissionais, tais como, mecânicos, químicos, filósofos, professores de inglês e governantas de colégios ingleses, entre outros. Os jornais brasileiros da primeira metade do século XIX publicaram:

(...) não só informações significativas sobre a extensão e a natureza do comércio inglês no Brasil da época, como também evidencia, a influência da técnica e da cultura científica e intelectual dos ingleses sobre a vida brasileira ¹⁴.

A influência e a participação dos ingleses na arquitetura das cidades brasileiras foram visivelmente reconhecidas. Podemos citar, por exemplo, a cidade de Belém do Pará, que foi totalmente arborizada por mangueiras trazidas da Índia por ingleses que comercializavam a borracha ¹⁵. Os ingleses também participaram na construção do reservatório de água “Paes de Carvalho”, construída no governo de Augusto Montenegro, cuja estrutura era feita de ferro, grande parte importado da Inglaterra pela firma inglesa Walter Mcfarlane & Cia. \ 9, localizado na Rua Ó de Almeida, esquina com a Travessa 1º de Março. Em São Luiz do Maranhão, os jardins de algumas praças foram remodelados à moda inglesa.

¹² Ibid., p. 177.

¹³ MANCHESTER, Alan K. *Preeminência Inglesa no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973. p 86.

¹⁴ FREYRE, Gilberto. op. cit., p. 177.

¹⁵ MENDONÇA, João Hélio. *Alguns Aspectos da Influência Britânica sobre a Vida Brasileira em torno do livro Ingleses no Brasil de Gilberto Freyre*. Disponível em: http://nmnt.fgf.org.br/artigos/alguns_aspectos.html p. 05. Acesso em: 20/05/2004.

Já a estação da *Inglesinha*, em São Paulo, ainda conserva em sua fachada os três leões que foram trazidos da Inglaterra especialmente para a inauguração da ferrovia.

1.2 Testemunhos de alguns viajantes ingleses e seus relatos sobre o Brasil

A presença inglesa no Brasil teve início no século XVI, quando foi registrada a presença de corsários ingleses ou dos históricos navios armados chamados de *English privateers*, que, na época, eram de particulares e tinham a autorização do governo inglês para atacar e capturar barcos mercantes de outros países. Os mais famosos corsários que por aqui passaram foram William Hawkins, Edward Fenton, Walter Raleigh (mais tarde cavaleiro do Império Britânico), Cavendish e James Lancaster, que foi agraciado com o título de cavaleiro.

Com a abertura dos portos, em 1808, e com o desenvolvimento da navegação, vários foram os viajantes que estiveram no Brasil, e entre eles, destacamos os ingleses: Henry Koster, Maria Graham, James Henderson, Richard Burton, Charles Darwin, Daniel Kidder e James C. Fletcher, que escreveram em língua inglesa depoimentos e relatos sobre a história e a vida social do Brasil colônia.

No livro *History of the Brazil*, de James Henderson (1783-1848), editado em Londres, no ano de 1821, encontram-se descrições de vários subúrbios do Recife, como Monteiro, Boa Vista e Santo Amaro. Em um trecho dessa história, Henderson descreve o costume dos navegadores antes de eles embarcarem para o mar:

It was formely te general custom and is at. presente not uncommon for navigators and others previously to embarking upon the ocean, to present offerings here, receiving in return the prayers of the priest for a good voyage; and hence the place is called Boa Viagem ¹⁶.

Henry Koster, no livro *Travels in Brasil* (1816), considerada a melhor das narrativas sobre a vida brasileira na primeira década do século XIX, publica seis edições, em três diferentes línguas: inglês, alemão e francês.

Aos vinte e cinco anos, Henry Koster chegou em Recife em 7 de dezembro de 1809, com o único objetivo de encontrar no Brasil a cura para sua tuberculose. Koster adaptou-se muito bem ao clima tropical do país. Tornou-se senhor-de-engenho com o arrendamento do engenho Jaguaribe, na ilha de Itamaracá, passando a morar em 1813, no engenho Amparo. Falava fluentemente o português e ficou conhecido como Henrique da

¹⁶ MENDONÇA, João Hélio. op. cit., p. 02. Antigamente era costume, e ainda hoje, que navegadores e outros, antes de embarcarem no oceano, apresentassem oferendas neste lugar, recebendo em retorno as orações do padre para uma boa viagem, daí o lugar ser chamado de Boa Viagem.

Costa. Koster fixou residência no Brasil e aqui viveu por mais de dez anos. Koster descreveu detalhes sobre a vida social e comercial do Brasil observando as características do povo e dos sertanejos, os meios de transporte e as viagens, entre outros aspectos. As citações de Koster ficaram mais centralizadas na região de Recife, como comprova o seguinte trecho:

Nothing this day created so much astonishment on board our ship, amongst those who had not been before upon this coast, as the “jangadas”, sailing about in all directions. (Koster, 1816:3)

The towns of Santo Antonio do Recife, commonly called Pernambuco, though the latter is properly the name of the captaincy, consists of three compartments connected by two bridges...

The Southern extremity of this bank expands and forms the sites of that part of the town particularly called Recife, as being immediately within the reef. (Koster, 1816:6)¹⁷.

Entre os relatos importantes para a história do Brasil estão os de Maria Graham (1785-1842). Graham escreveu o livro *Journal of a Voyage to Brazil, and residence there during part of the years 1821, 1822, 1823*, publicado em Londres no ano de 1824. Essa obra é de valor inestimável, pois do ponto de vista da história e da sociologia, descreve com detalhes a vida social no Brasil, conforme assinala Waldemar Valente:

(...) seu diário é a descrição viva, movimentada, animada, cheia de interesse humano pela sorte das pessoas, dos bichos, das plantas, das coisas e de tudo que formava a paisagem e servia para agitar as cenas a que assistiu¹⁸.

Maria Graham, já viúva do Capitão Thomas Graham, comandante da fragata Doris, visitou Pernambuco pela segunda vez na época da Confederação do Equador, em 1824, teve importante papel nas negociações entre o Almirante Cochrane e Manuel de Carvalho Paes de Andrade. Cochrane foi um almirante inglês a serviço do governo brasileiro que comandou o bloqueio contra Pernambuco e contra Manoel de Carvalho Paes de Andrade. Quando visitou o Rio de Janeiro, Maria Graham foi convidada pelo Imperador Dom Pedro I, a

¹⁷ MENDONÇA, João Hélio. op. cit., p. 03. Nada do que vimos nesse dia criou tanto espanto a bordo do nosso navio entre aquele que não tinham visitado esta costa, como as jangadas navegando em todas as direções. A Vila do Santo Antônio do Recife, comumente chamado de Pernambuco, embora este seja propriamente o nome da capitania, consiste em três bairros ligados por duas pontes... A extremidade sul desse banco se alarga e forma o local desta parte da cidade, particularmente chamada de Recife, colocada precisamente dentro dos recifes.

¹⁸ Ibid., p. 04.

exercer a função de professora da futura Rainha de Portugal, D. Maria da Glória, que estava com cinco anos de idade. Percebemos em alguns trechos de seu diário a descrição cuidadosa da cidade de Recife:

The town of Recife de Pernanbuco, or the Reef of Pernanbuco built by the Dutch, under Maurice of Nassau, and by them called Maurice town. It is a singular spot, well fitted for trade: it is situated upon several sand banks, divided by salt water creeks and the mouth of two fresh water rivers, connected by three bridges... (M. Graham, 1824:100)

I was stuck by the I great preponderance of the black population. By the last census the population of Pernanbuco including Olinda was seventy thousand, of which not above one third are white, the rest are mulattoes or negroes (M. Graham, 1824:125)¹⁹.

Uma outra figura que passou por Recife foi o cientista, Charles Darwin (1809-1882), pai da teoria da seleção das espécies, que, a bordo de seu navio H. M. S. Beagle, visitou Pernambuco, em 1832 e fez observações sobre a cidade no seu diário:

One day a took a canoe, and proceeded up one of the channels to visit it: I found the old town from its situation both sweeter and cleaner that of in Pernanbuco. I must here commemorate what happened for the first time during our nearly five years wandering, namely, having met with a want of politeness: I was refused in a sullen manner at two different houses, and obtained with difficulty from a third, permission to pass through their gardens to an uncultivated, hill, for the purpose of the viewing the country. I feel glad that this happened in the land of the Brazilians, for I bear them no god will a land also of slavery, and therefore of moral debasement²⁰.

¹⁹ MENDONÇA, João Hélio. op. cit., p. 04. A cidade de Recife de Pernambuco, ou o Recife de Pernambuco, construída pelos holandeses, sob Maurício de Nassau, e então denominada por eles cidade Mauricéa. É um sitio singular, bem dotado para o comércio: e é situado sobre vários bancos de areia, divididas por enseadas de água doce, ligada por três pontes... Fiquei chocada pela grande preponderância da população negra. Pelo último censo a população de Pernambuco, incluindo Olinda, somava setenta mil, dos quais não acima de um terço são brancos: e o resto são mulatos ou negros.

²⁰ Ibid. Tomei um dia uma canoa e segui por um dos canais na idéia de visitá-la e encontrei-a pela sua situação, mais agradável e mais asseada que Pernambuco. Devo aqui comemorar o que aconteceu, pela primeira vez, durante todo quase o espaço de cinco anos em que peregrinamos, a saber: falta de civilidade fui recusado de uma maneira grosseira em duas casas e obtive, com dificuldade, numa terceira permissão para através de seus jardins, um morro não plantado, ter visão da paisagem. E me sinto contente que isso tenha acontecido na terra dos brasileiros, pois não desejo nenhuma benevolência para eles – um país de escravidão e conseqüentemente de humilhação moral.

Entre os visitantes ilustres que escreveram sobre o Brasil está o escritor inglês Daniel Defoe (1660-1731), autor do livro *Robinson Crusoe*. A personagem Robinson Crusoe viveu no Brasil e chegou a falar português, foi senhor de engenho e negociante de escravos na cidade de Salvador. A personagem Crusoe partiu de Salvador em direção à África, juntamente com outros senhores de engenho, e ao navegar pelas costas de Pernambuco escreveu:

We had very good weather only excessively hot, all the way upon our own coast, till we came the height of Cape St. Augustine, from whence, keep in further off the sea, we lost sight of land, and steered as if we were bound for the isle Fernando de Noronha... (p. 40 – Robinson Crusoe by D. Defoe Thomas Nelson Printers Ltd, London and Edinburgh)²¹.

O explorador inglês Sir Richard Francis Burton²² (1821-1893), veio morar no Brasil, em 1865 como cônsul britânico em Santos, São Paulo. Em 1867, Sir Burton recebeu permissão do governo inglês para uma viagem de reconhecimento através do Rio São Francisco, chamado por ele de o *Mississipi brasileiro*. Nesta viagem, ele passou pelo Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Alagoas, onde finalizou sua viagem no porto de Penedo. Suas observações sobre o Brasil constam na obra *Highlands of the Brazil*, publicada em Londres; em dois volumes no ano de 1869. O livro foi traduzido para o português por Américo Jacobina Lacombe como *Viagem aos planaltos do Brasil*.

James W. Wells²³, engenheiro ferroviário que viveu no Brasil entre 1868 e 1873, descreve em seu livro *Three thousand miles through Brazil from Rio de Janeiro to Maranhão* (1886), sua viagem pelo interior do Brasil, através do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Maranhão e pelos rios São Francisco e Tocantins.

John Mawe²⁴, um mineralogista inglês, também obteve grande sucesso com sua obra. Mawe foi o primeiro estudioso com permissão do Príncipe Regente para viajar pelo interior de Minas Gerais. Seu livro, *Travels in the interior of Brazil* conquistou em oito anos, nove edições, em cinco diferentes línguas, com publicação em vários países, tais como Grã-Bretanha, Estados Unidos, Suécia, Alemanha, Rússia, Itália, Portugal e Brasil.

²¹ MENDONÇA, João p. 05. Tivemos um tempo muito bom, só que excessivamente calorento durante todo o percurso ao longo de nossa costa, até alcançarmos os altos do Cabo de Santo Agostinho, e daí em diante prosseguimos mar adentro, até perdermos a terra de vista e navegamos como que na direção da ilha de Fernando de Noronha.

²²SILVA, Leonardo Dantas. *Koster: o mais fiel retratista da paisagem*. Disponível em: www.fundaj.gov.br/docs/rec/rec02.htm p. 05 Acesso em: 07/08/2004.

²³ Ibid., p. 05.

²⁴ Ibid., p. 02.

Entre os relatos dos ingleses, a região Amazônica também despertou o interesse dos estrangeiros no século XVI e XVII. Sir Walter Raleigh ²⁵ (1552-1618) foi o fundador da colônia americana chamada Virginia e responsável pela entrada do tabaco na Europa. Ele era considerado um homem de muitos talentos, pois foi soldado, colonizador, poeta, filósofo e historiador. Como escritor, ele soube descrever os mínimos detalhes e com entusiasmo suas aventuras pela Amazônia.

Na segunda metade do século XVII, outro inglês estava no comando da expedição para reconhecimento do vale amazônico. Roberto Harcourt ²⁶, de Oxfordshire, conseguiu fundar a primeira colônia inglesa no vale amazônico, com vinte ingleses e irlandeses que prosperaram rapidamente. Em 1626, Harcourt divulgou em Londres a segunda edição de seu livro *Relation of a Voyage to Guiana*. Nessa obra, além de descrever suas aventuras pelo vale, pretendia igualmente despertar o interesse do público pela região.

Em 1848, em Belém, tivemos a visita de dois ingleses naturalistas que vieram conhecer a Amazônia: Henry Walter Bates e Alfred Russel Wallace. Bates escreveu sobre a cidade, descrevendo a arquitetura, as ruas perto do porto e as rocinhas. Também não deixou de mencionar o hábito e costumes do povo e dos índios, como observamos a seguir:

Bates escreveu que a cidade estava construída em uma faixa de terra baixa, apenas com uma pequena elevação rochosa em sua extremidade sul, de modo que, vista do rio, não se mostrava como um anfiteatro. O casario, na sua maioria pintado de branco, com telhados vermelhos, dava, juntamente com as torres e os zimbórios das igrejas e conventos, as copas das palmeiras que dominavam as construções, uma impressão de leveza e de alegria das mais gentis. Poucas ruas, perto do porto, de edifícios altos e tristonhos, com aspectos de conventos, habitados principalmente por negociantes em grosso e a varejo, e nas quais se viam perambulando soldados...

Sobre o vestuário dos belenenses, Wallace deixou o seu registro: os brancos trajavam-se geralmente com muito esmero, usando vestimentas de fino e alvo linho, conservando-os sempre muito limpos; alguns usavam casacas pretas e gravatas, e quando assim trajados, com o termômetro muito alto devido o clima quente da terra...²⁷.

Como podemos observar os ingleses ocuparam o primeiro lugar na fundação das

²⁵ REIS, Arthur Cezar Ferreira. *Limites e demarcações na Amazônia*. 2ed. Belém: Secult, 1993. 2v. p. 34.

²⁶ Ibid.

²⁷ ROCQUE, Carlos. *História Geral de Belém e do Grão Pará*. Belém: Distribel, 2001. p. 37.

indústrias brasileiras, e o nome inglês numa empresa qualquer era, para o povo brasileiro, garantia de boa administração e os produtos considerados de boa qualidade. Eles formavam uma sociedade à parte, com seus clubes esportivos e de diversões, com seus trajes e hábitos. Foram poucos os ingleses que no Brasil se dedicaram ao trabalho de campo. Eles estavam sempre na contabilidade das suas casas bancárias, na direção de seus negócios, nas grandes companhias férreas, de navegação, de transporte, têxteis, telegráficas, de iluminação, saneamento, exploração de minas e muitas indústrias. Assim, podemos concluir que a influência inglesa sobre a nação brasileira foi grande e diversificada contribuindo definitivamente para a compreensão da história das relações entre Inglaterra e o Brasil.

A importância do romance Inglês na formação da Literatura Brasileira do século XIX

–Gosta dos romances ingleses? perguntou Guida.

–Poucos tenho lido. A literatura francesa nos invadiu; e por algum tempo foi nosso único fornecedor de idéias. Das outras apenas conhecíamos as obras-primas, os grandes poetas. Ultimamente já entramos em comércio com outras literaturas; (...).

(*Sonhos D'Ouro*, José de Alencar)

2. A ascensão e formação do romance inglês do século XVIII

Na evolução dos gêneros literários, é notável o desenvolvimento e a crescente importância que o romance adquiriu ao longo dos tempos. Sendo considerado uma das mais complexas formas de expressão literária, o romance foi continuamente aumentando o domínio de sua temática, interessando-se pelo estudo da alma humana e de suas relações sociais, transformando-se em um dos gêneros mais lidos na atualidade:

O romance é, a par do conto, ou da epopéia um gênero narrativo de larga projeção cultural, fruto de uma popularidade e de uma atenção por parte dos seus cultores que sobretudo a partir do século XVIII, faz dele decerto o mais importante dos gêneros literários modernos²⁸.

A ascensão e a formação do romance na Inglaterra adquiriram forças no século XVIII com o aparecimento de três romancistas ingleses: Daniel Defoe, Samuel Richardson e Henry Fielding. Daniel Defoe (1660-1731), também jornalista, foi considerado o primeiro romancista inglês, trazendo para a ficção a impressão de “fato verdadeiro”. *Sua obra Moll Flanders, por exemplo, não foi apresentada como obra de ficção, mas, sim, como a história verdadeira de uma mulher leviana, contada em suas próprias palavras*²⁹. Defoe escreveu dez

²⁸ REIS, Carlos. *Teoria da metodologia literária*. Lisboa: Editora Universidade Aberta. p. 256.

²⁹ CEVASCO, Maria Elza e SIQUEIRA, Valter Lellis de. *Rumos da Literatura Inglesa*. São Paulo: Ática, 1988. p. 43.

romances, entre os quais cumpre mencionar *Lady Roxana*, *Robinson Crusoe* e *The Colonel Jack*. Já Samuel Richardson, (1689-1761) escreveu três romances em forma de correspondência (romance epistolar). Sua primeira obra, o romance *Pamela*, tem o enredo centrado na história de uma criada que era assediada constantemente pelo patrão. *Pamela* descreve sua história em forma de cartas a seus pais. Tanto com *Pamela* e posteriormente, com *Clarissa Harlowe*, a burguesia e o romance iniciaram um longo namoro, que só será parcialmente rompido com o experimentalismo formal dos inícios do século XX³⁰. Henry Fielding (1707-1754), considerado o maior entre os romancistas ingleses do século XVIII, se impôs com *Joseph Andrew* e *Tom Jones*. No primeiro, o herói, Joseph, por recusar o amor de sua patroa, é despedido de seu emprego. Seu outro romance, *Tom Jones*, tem, como personagem central, um jovem enfeitado. Com esses escritores ingleses inaugurou-se, no século XVIII, uma longa discussão acerca do aparecimento do novo gênero: o romance.

O desenvolvimento do romance foi ocasionado pela ascensão de um racionalismo científico moderno e que estava diretamente ligado à transferência de poder da monarquia e da aristocracia para a classe burguesa, aqui entendida como classe média. Com a ascensão da classe média nos meios políticos e econômicos, essa nova classe buscou se aprimorar culturalmente, promovendo assim, um crescimento do público leitor e conseqüentemente, uma enorme procura por livros. No entanto, essa classe não se identificava com os romances da época porque essas obras descreviam um mundo ligado à aristocracia e à monarquia, um mundo distante repleto de aventuras com feitos heróicos ou fantásticos. Assim, surge um novo gênero literário que veio para suprir esta procura: o romance (novel). O novel, por sua vez, descreve a vida cotidiana, pois trata de assuntos do nosso dia-a-dia, com especial atenção nas questões levantadas pelo relacionamento do homem comum com seu meio.

O novo gênero adquiriu força total a partir de 1740, com a publicação de *Pamela*, de Samuel Richardson, e também com o aparecimento da primeira biblioteca circulante em Londres³¹. Não podemos deixar de mencionar que a prosa de ficção vinha ao longo dos tempos deixando suas marcas, que certamente iriam ajudar a consolidar o novo gênero. Margaret Schlauch,³² juntamente com outros historiadores do romance, comenta que é muito difícil falar do romance em bloco, primeiramente porque sua origem é muito difícil de delimitar. Além disso, o romance não possuía um padrão de desenvolvimento bem claro. Este

³⁰ CEVASCO, Maria Elza e SIQUEIRA, Valter Lellis. op. cit., , p. 44.

³¹ VASCONCELOS, Sandra G. T. *A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos*. Tese de Livre – Docência apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo: 2000. p. 99.

³² SCHLAUCH, Margaret. Antecedents of the English Novel, 1400 – 1600. Apud VASCONCELOS, Sandra G. T. *A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos*. op. cit.

gênero, segundo a autora, é abrangente, apresentando uma orientação em favor do ponto de vista social, tendo como apoio uma variedade de formas, técnicas e tradições, tanto em prosa como em verso, tanto na época medieval como nas épocas anteriores, assim como nas histórias realistas e romanescas.

Assim, o romance foi buscar em outras formas de prosa de ficção o material que os escritores usariam para escrever o gênero emergente. Os contos e novelas medievais, o romance pastoril e de cavalaria, o romance picaresco, os panfletos e a tradição dos *jest-books*³³, foram formas adotados em épocas anteriores, que já apresentavam algum traço realista. Este traço poderia ser encontrado em um diálogo, ou em um detalhe, ou até mesmo na descrição de um ambiente. Em relação ao homem comum foi dado mais um passo em favor do novo gênero, uma vez que a vida privada e doméstica do homem seria o grande tema dos romancistas.

Sem ignorar as formas anteriores, Sandra Vasconcelos³⁴ nos esclarece que o romance foi um gênero que surgiu como uma forma histórica, com o objetivo de dar conta do novo conteúdo social que estava surgindo no século XVIII. Foi exatamente neste período que a ficção começou a se fortalecer e amadurecer indicando um novo horizonte para a prosa de ficção.

Nesse momento inicial da era do romance, surge uma variedade de histórias como, por exemplo, “A história de...”, “As memórias de...”, “As aventuras de...”, ou “A vida de ...”. Todos esses títulos pareciam querer contar os fatos reais das personagens tornando-os mais interessantes aos olhos do público leitor *que colocava sob suspeita tudo o que contivesse um conteúdo ficcional*.³⁵ Dessa forma, podemos entender melhor o comportamento dos escritores da época, que:

³³ *Contos e novelas medievais* foram narrativas das aventuras dos cavaleiros medievais. Originaram-se da prosificação das canções de gesta. A última novela de cavalaria data do século XVI: *D. Quixote de La Mancha*, de Miguel de Cervantes. Cf. www.10emtudo.com.br. 04/06/2005. *Os romances pastoris* são diferentes espécies de composições literárias, todas elas de cenário e personagens campestres, pois trata da vida dos pastores ou da simplicidade da vida rural. *Romance de Cavalaria* são as proezas cavaleirescas dos guerreiros que foram assuntos de numerosos romances da Idade Média. *Panfletos*: pequeno livro ou folheto de poucas dezenas de páginas, em que geralmente trata uma questão controvertida, de índole política ou social, ou assunto de interesse contemporâneo. In: Henry Shaw. *Dicionário de Termos Literários*. 2ed. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1982. *O romance picaresco*: gênero de novelística em que se narram uma série de cenas humorísticas ou satíricas, as aventuras dum velhaco que consegue ir governando a vida mais pela sua astúcia do que por um trabalho árduo. A mais antiga novela picaresca é a *Vida de Lazarillo de Tormes*, (1554), obra de autor anônimo, e que tem na *Vida de Gusmán de Alfarache*, de Mateo Alemán, o seu exemplar mais representativo. In: Carlos Reis. *Teoria da metodologia literária*. op. cit., p. 245. *Jest-books*: livros de piadas ou de alguma coisa que causa divertimento. Cf. *Oxford Advanced Learner's Dictionary*: Encyclopedic Edition.

³⁴ VASCONCELOS, Sandra G. T. *A Formação do Romance Inglês: ensaios teóricos*. op. cit., p. 100.

³⁵ VASCONCELOS, Sandra G. T. *A Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas)*. In: Projeto Memória da Leitura, Seção Ensaios. Disponível em: www.unicamp.br/iel/memória. Acesso em: 14/04/2004. p. 04.

(...) se valeram de truques de se apresentarem como editores de um velho manuscrito, depositários de artigos, papéis ou testemunhos, ou editores de cartas, prática que perdurou ao longo de todo o século.³⁶

Diante de um gênero que não tinha uma só feição, surgiu o seguinte questionamento: o que fazer para distinguir o novo gênero dos outros gêneros literários? Não havia distinção entre novela, conto e a nova prosa de ficção, pois todos tinham um caráter fabuloso, ou seja, todos tinham como histórias fatos irreais, em que a verdade não era seu principal fundamento. O romance, por ser um gênero novo, não tinha tradição. Ele surgiu numa época em que a elite tinha acesso à arte e à cultura, e valorizava a *polite literature*³⁷ como sinal de refinamento e educação. De origem inferior, o romance foi rapidamente associado ao popular, considerado por muitos como um passatempo de ociosos ou um corruptor dos bons costumes, julgado não pelos seus valores estéticos, mas sim pelo seu conteúdo com critérios morais. Havia na época uma preocupação com as regras de comportamento, com o modo de vestir e falar, com a escolha das leituras. O novo gênero fora considerado como um divertimento fácil, mesmo porque não tinha a mesma fundamentação teórica que os outros gêneros já consagrados:

O consumo de romances nos séculos XVII e XVIII era enorme, com o entusiasmo que eles despertavam; mas só um ou outro crítico os considerava algo mais que um divertimento fácil, pois não tinha a nobreza conferida pela tradição teórica nem a chancela das normas poéticas definidas. Não os havendo conhecido, Aristóteles não tinha previsto regras para eles... Em consequência, os tratadistas os deixavam de lado. Foi à crítica militante do século XIX que reconheceu a categoria do romance e o tratou devidamente; (...) ³⁸.

Com a preocupação de encontrar uma definição teórica para o novo gênero, estes três romancistas começaram a refletir sobre a teoria que deveria ser usada por eles e por outros romancistas da época, isto é, refletir sobre seus objetivos e sobre os problemas técnicos

³⁶ VASCONCELOS, Sandra G. T. *A Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas)*. op. cit.

³⁷ Polite literature: conhecimento das obras gregas e latinas e que tinha por objetivo formar o estilo e ampliar a erudição.

³⁸ CANDIDO, Antonio. O Patriarca. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1998. p. 72-73.

do gênero recém chegado. Discutir questões fundamentais como: a definição do gênero; os problemas de forma e técnica; o conteúdo do romance; a figura do leitor; o papel do romancista; a relação do romance com outros gêneros. Entretanto, esta preocupação com a técnica formal também atingiu dramaturgos, ensaístas, jornalistas, pois todos estavam interessados em defender, explicar, atacar ou justificar a presença do romance. Como registro dessa discussão destacaram-se na época as cartas, os periódicos, os próprios romances e os diários, colocando de um lado os defensores do novo gênero e do outro lado, seus opositores.

2.1 Votos contra o Romance

Nos séculos XVIII e XIX travou-se uma verdadeira discussão a respeito do que era um romance ou para que servia a leitura desse gênero. Antes que ele se consolidasse como gênero, houve uma longa e duradoura discussão sobre suas regras e as causas do interesse do público por essa literatura. Do mesmo modo que ele foi defendido por certos críticos e teóricos, ele também foi acusado e condenado como leitura perigosa.

Sobre os detratores do romance convém ressaltar alguns nomes, observados por Márcia Abreu, como o médico suíço Simon-Andre Tissot³⁹, que era contra a leitura de romances. Para ele, essa atividade fazia muito mal à saúde, pois o esforço continuado da leitura prejudicaria os olhos, o cérebro, os nervos e o estômago, causando uma patologia que ele chamava de *intemperança literária*. Esta “doença” causava a perda de apetite, dificuldades digestivas, enfraquecimento geral, espasmos, convulsões, irritabilidade, taquicardia, entre outros sintomas. A solução para todos esses problemas, segundo Tissot, era ler pouco e fazer atividades físicas.

Além de todos os problemas físicos que a leitura poderia ocasionar, havia leituras que eram recomendadas e outras consideradas perigosas e perniciosas. Dentre essas últimas leituras, se encontra o romance. A leitura desses livros além de ser maléfico, era considerada como uma perda de tempo, na medida em que nada acrescentava para formar um público leitor erudito. Diferentemente da leitura das belas letras, que era recomendada com o objetivo de formar um estilo e ampliar a erudição dos leitores. No campo religioso, Massilon⁴⁰ era radicalmente contra a leitura de romance. Para ele, a leitura do texto religioso tinha a intenção de aprimorar o espírito, fazendo com que o leitor conhecesse a palavra de Deus e aprendesse a meditar, rezar e fazer atividades criativas, para que na sua morte, sua entrada no reino dos céus fosse favorecida. A leitura de textos religiosos tinha por objetivo promover a moralização do leitor, por meio da narração de vidas de santos e de episódios bíblicos, conhecendo, desta maneira, a vida de homens e mulheres que cumpriam os mandamentos, não pecavam e eram tementes a Deus. A vida religiosa dessas pessoas servia de espelho para o leitor cristão.

³⁹ TISSOT, Simon-Andre. De la Santé des gens de lettres. Apud. ABREU, Márcia. *O caminho dos livros*. Campinas: Unicamp, 2002. Tese livre-docência apresentada na Universidade Estadual de Campinas. p. 254.

⁴⁰ MASSILON. Discours inédit de Massilon, sur lê danger dès mau vaises lectures, suivi de plusieurs pièces intéressantes. Apud. ABREU, Márcia. *Ibid.*, p. 256.

Para os detratores do novo gênero, a leitura dos romances deveria ter como objetivo moralizar o leitor, assim como a leitura de textos religiosos. No entanto, para os opositores do romance, esse tipo de leitura levava o leitor para o caminho oposto ao da moral, isto é, mostrava pessoas que erravam, que se corrompiam e não conseguiam lutar diante do vício ou diante de um fracasso pessoal. Para esses opositores, os leitores de romances estavam em contato com a maldade, pois liam situações de imoralidade e pecado, possibilitando os leitores de se identificarem ou de se imaginarem na mesma situação.

Além de Tissot e Massilon, Márcia Abreu cita ainda as observações de Bruzen de la Martinière⁴¹ e Charles Porée⁴² – todos não viam com bons olhos a leitura de romances, pois não a concebiam como uma leitura séria e sim como divertimento e perda de tempo, além de desvirtuar o gosto e a virtude. Para esse grupo de teóricos a leitura de romances é nociva, pois opera conseqüências nefastas⁴³.

Massilon comenta ainda que ler romances sem qualquer supervisão ou orientação de um padre ou de um professor, parecia ainda um fato muito grave em relação à virtude e à moral dos leitores, que se envolviam nas leituras desses livros. Assim como havia professores para orientar seus alunos nas outras disciplinas, com o romance poderia ocorrer o mesmo:

(...) É lá, freqüentemente, oh meu Deus, que uma juventude sem experiência vem estudar o crime, aprender os segredos que ignorava talvez, e cujo conhecimento a levará a sua perda. Sem dúvida que os efeitos destes livros não se fazem sentir instantaneamente; mas por serem tardios, eles são ainda mais terríveis; é um veneno lento que ocorre nas veias, percorre insensivelmente as entranhas, e termina por devorar inteiramente; é um fogo que dorme sob as cinzas, e que não tarda a se transformar em vasto incêndio cujo furor ninguém poderá conter⁴⁴.

Entretanto, a maior preocupação dos detratores do romance era do ponto de vista da moral. É por meio da leitura de romances, que o leitor tem contato com cenas de sedução, crimes, adultério e incesto. A leitura dessas cenas provoca sensações, desejos, desperta a volúpia e enfraquece os sentidos.

⁴¹ BRUZEN DE LA MARTINIÈRE. Introduction generale à l'étude des Sciences et des Belles Lettres, em faveur des personnes qui ne savent que l'ê François. Apud. ABREU, Márcia. *O caminho dos livros*. op. cit., p. 257.

⁴² PORÉE, Charles. De Libris qui vulgo dicuntur romanesses oratio habita. Paris: Bordelet, 1736. Apud ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. op cit. p. 258.

⁴³ Apud ABREU, Márcia. Ibid. p. 257-259.

⁴⁴ MASSILON. Apud ABREU, Márcia. Ibid. p. 260.

Em *Timidez do Romance*, Antonio Candido ⁴⁵ cita Jean-Pierre Camus, bispo de Belly, que foi radicalmente contra romances. Na opinião de Camus, o romance era tão *pernicioso, tão contrário à moral, à religião e ao exercício da inteligência*, que decidiu escrever romances com o objetivo de combater aqueles que estavam em circulação na época. A idéia de Camus era contar casos verídicos como se fossem casos ficcionais, narrando-os com sentimento de piedade, e assim conseguir atrair seus leitores para o lado do bem. Não obstante, a idéia de Camus não foi levada adiante, pois ele foi acusado de escrever frivolidades indignas de um bispo, tendo que ser obrigado a defender o novo gênero em causa própria. O objetivo de Camus era escrever romances nos quais a moral e a religião seriam assuntos fundamentais. Para ele, a sensualidade, a irreverência e a impiedade, temas constantes nos romances de amor e aventura, são obras indiretamente maliciosas, com o propósito de corromper o leitor. Camus justificou o uso da ficção, desde que não se afastasse da verdade e da possibilidade, e mencionou duas conseqüências para usar a “verdade” nos romances: *1) o elemento central de um romance devem ser fatos reais, acontecidos; 2) o elemento inventado se justifica para torná-los mais atraentes e ressaltar neles a verdade* ⁴⁶. O referido bispo não percebeu que estava no caminho certo para a elaboração do conceito de romance. Suas narrativas foram tão verdadeiras quanto *O Vermelho e o Negro*, de Stendhal, que mesmo sendo ficção, nunca deixou de apresentar fatos verídicos que aconteceram na História da humanidade.

Antonio Candido ressalta ainda, a posição negativa de François Langlois ⁴⁷, vulgo Facan, cômico que escreveu *Le tombeau des romans* (1626). Nesta obra, Facan se declara contra os romances por conterem narrativas mentirosas. Essas narrativas despertam os homens para sentimentos e emoções que eles jamais poderiam imaginar. Os romances são, segundo Facan, contra a verdade, contra a virtude e acima de tudo contra as paixões. Seu objetivo é piorar os homens de bem.

⁴⁵ Jean-Pierre Camus. Apud CANDIDO, Antonio. *Timidez do Romance*. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. op. cit., p. 89.

⁴⁶ Jean-Pierre Camus. Apud CANDIDO, Antonio. *Timidez do Romance*. op. cit., p. 89.

⁴⁷ François Langlois. *Le tombeau des romans*. Apud CANDIDO, Antonio. *Ibid.*, p. 91.

2.2 Votos a favor do romance como educador do leitor

O desejo de educar o leitor foi uma das preocupações da época. Com o desenvolvimento da imprensa e com o crescimento dos ideais do Iluminismo no século XVIII, o romance veio cada vez mais se beneficiar desse novo contexto. O Iluminismo veio contribuir para o crescimento da vida intelectual, para a divulgação de idéias, funcionando, assim, como uma fonte de ilustração e informação. Assim, consolidava-se a confiança na razão como instrumento de crítica das questões da sociedade e da natureza. Livros e periódicos, como o *Spectator* e o *Tatler* foram importantes como veículos de transformação dos costumes e na educação da sociedade burguesa. O romance, por sua vez, juntamente com os periódicos, foi igualmente utilizado para fins educativos, tanto pelo seu apelo popular, como por seu apelo pedagógico, seguindo, desta maneira, os preceitos clássicos de Horácio de útil e doce, isto é, educar e divertir o leitor.

Na realidade este era um dos propósitos dos romancistas. Prova disso é que se pode observar nos prefácios a preocupação com o público leitor. Os romancistas procuraram instruir seu público leitor, tanto na sua formação, quanto na sua educação, oferecendo uma leitura que pudesse ensinar, de forma sutil e agradável. A idéia principal dos romancistas da época era moralizar por meio da reflexão, isto é, o leitor se identificaria com a trajetória de vida das personagens, participando ativamente dos problemas, do sofrimento e das atitudes da personagem. Henry Fielding comenta que os escritores deveriam usar em seus romances personagens virtuosas, que por meio de exemplos pudessem influenciar diretamente as atitudes do público leitor da época. Bons homens seriam, para Fielding, lições de vida e conseqüentemente deveriam ser reconhecidos e imitados pelos leitores, sendo, os romances, a única maneira de torná-los públicos. Entraria, aí, a importância do escritor neste reconhecimento:

O escritor deve ser chamado a ajudar no sentido de espalhar suas histórias, e de apresentar uma agradável pintura àqueles que não tiveram a felicidade de conhecer os originais; e assim, comunicando esses modelos valiosos para o mundo, ele pode talvez prestar um serviço mais proveitoso à humanidade do que a pessoa cuja a vida proporcionou o modelo ⁴⁸.

⁴⁸ Henry Fielding. *Joseph Andrews*. London: Penquin Books, 1985. p. 24. Apud. ABREU, Márcia. *O caminho dos livros*. op. cit., p. 284.

Entre os teóricos brasileiros do século XIX que defendem os romances com a função moralizante e instrutiva, Antonio Candido em seu ensaio, *Timidez do Romance*, elucida o assunto citando Bernardino Daniello que diz que a imagem da “pílula dourada” ou do “remédio adoçado” foi uma tentativa de saída para a desconfiança com que era vista o gênero recém chegado. Assim como os médicos e farmacêuticos quando desejavam dar remédio amargo para as crianças, eles colocavam açúcar para melhor disfarçar este medicamento tão necessário à saúde. Os romancistas deveriam igualmente lançar mão desse artifício e disfarçar suas narrativas com os encantos da fantasia, pois mostrar a realidade nua e crua poderia ser muitas vezes chocante para o leitor. Os escritores precisavam de alguns artifícios que, por um lado, tivessem um apelo moralizante e, por outro, pudessem conferir um certo ar de veracidade aos fatos narrados. A “pílula dourada” seria a arma poderosa para corrigir os vícios do leitor sem que ele ao menos percebesse a intenção do escritor:

As tentativas de solução deste impasse ficam bem claras na imagem da “pílula dourada”, ou do “remédio adoçado”, a saber: assim como os médicos e farmacêuticos misturam açúcar num remédio amargo mas necessário, ou pintam da cor de ouro uma pílula de gosto repelente, para levarem as crianças a ingeri-los em seu próprio benefício, a verdade crua e por vezes dura pode ser disfarçada com os encantos da fantasia, para chegar melhor aos espíritos ⁴⁹.

O romance como educar do leitor permanece até os dias de hoje. Segundo Marisa Lajolo, o romance tem sempre a virtude de fazer o leitor esquecer de sua própria vida e se envolver com a vida das personagens, isto é, visitar outros cenários e compartilhar de ações diferentes de seu cotidiano. Por meio do romance, o leitor pode sentir de outra maneira o que já conhece ou o que já viveu. Para a autora, o romance diverte e também educa:

Lendo, o leitor esquece da sua vida e envolve-se na vida das personagens que participam da história. Em alguns romances, o leitor se enfronha em cenários e ações diferentes de seu cotidiano. Em outros – quando ações, cenários e personagens são os de seu cotidiano–, o leitor vive o que já conhece, mas de um outro ponto de vista.

⁴⁹ Bernardino Daniello. Apud CANDIDO, Antonio. *Timidez do Romance*. op. cit., p. 85.

Por isso o romance diverte. E também por isso educa. Educa no varejo e no atacado, nos sentidos menores e maiores da palavra *educação*.⁵⁰

O romance seria uma espécie de laboratório das vivências humanas, e seria na leitura dessas narrativas que o leitor tomaria conhecimento de que são feitas as pessoas, estudando seu modo de agir e aprendendo quais são as atitudes corretas e quais são as erradas. Nesta perspectiva, os leitores encontraram nos romances um mundo regido por regras de comportamento, usufruindo assim, dos ensinamentos que por ventura a leitura dessas narrativas poderia oferecer.

⁵⁰ LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 30.

2.3 A consolidação do novo gênero: o romance

Na tentativa de aproximar o leitor da vida cotidiana e assim modificar seus modos e costumes, escritores e leitores compartilharam igualmente do gênero. Os romancistas da época queriam mostrar quão verossímeis era o conteúdo do romance, tentando desta maneira convencer o leitor. Dessa forma, o prefácio seria um instrumento de aproximação do público, permitindo pois que houvesse um diálogo entre ambos. Era a oportunidade que o autor tinha de orientar o leitor na sua leitura, assim como também funcionou como área de debate e discussões acerca da formação do romance no século XVIII, como comenta Germana Sales:

Os prefácios desempenham função essencial no espaço dos romances em que estão presentes, funcionando também como área de debate e definição das idéias que começam a surgir e como composição que legitima a palavra de seus criadores. Funcionam, outrossim, como lugar onde são exercidos os debates que buscam dar forma à estética romanesca que vai sendo reconhecida ao longo do século. É por meio desses prólogos que podemos acompanhar o processo longo e progressivo da alteração das imagens, opiniões e pensamentos dos romancistas e do gênero romance até então desprestigiado⁵¹.

No entanto, essa troca de experiências não ficou restrita somente aos leitores de romances, os próprios escritores trocaram idéias entre si, acerca do novo gênero com o propósito de se ocupar das questões fundamentais da nova prosa de ficção, tais como: a definição de gênero, problema de forma e técnica; questões de ética, a figura do leitor, o papel do romancista, a linguagem, o cenário, a caracterização das personagens, e assim por diante. Os prefácios, os artigos e panfletos revelaram a trajetória do romance e de como este se enveredou por muitos caminhos. Esta trajetória revelou diferentes concepções usadas pelos romancistas da época, como por exemplo, Richardson, que adotou o modo dramático em seus romances. Já Fielding, por outro lado, usou o estilo épico em suas narrativas.

⁵¹ SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e Sedução – uma leitura dos prefácios Oitocentistas (1820-1881)*. 2003. Tese (Doutorado em Teoria Literária) Instituto de Estudos de Linguagem Estadual de Campinas, São Paulo. p. 01.

O novo gênero não tinha por finalidade mostrar as aparências da verdade ao que se representava, mas sim mostrar a vida privada e doméstica do homem comum; mostrar a vida tal como ela se apresentava. O romance, como já sabemos, foi acusado de ser inútil, frívolo, subversivo, contrário aos preceitos da escola clássica em voga na época. O que se valorizava eram as Belas Letras, restritas somente à elite, que a considerava símbolo de refinamento e educação. Já a ficção estava relacionada ao popular, considerada como um passatempo de desocupados e como uma leitura que corrompia seus leitores, levando-os para o mau caminho.

Os romances romanescos, chegados da França, ao longo do século XVII, foram em grande parte responsáveis pela não credibilidade do gênero. Esta confusão terminológica foi um dos problemas que o romance enfrentou na tentativa de esclarecer e demarcar a diferença que existia entre “romance” e “novel”. Para melhor entendermos esta diferença cabe aqui esclarecer a origem das duas palavras, como define Sandra Vasconcelos:

Oriunda do latim *romancius*, nome dado às línguas populares faladas localmente em oposição ao latim erudito, a palavra *romance* (derivada da forma adverbial *romanice*) era inicialmente usada para se referir àquelas línguas, com o sentido de vulgar. Desse radical surgiram os termos *enromancier*, *romançar*, *romanzare*, significando traduzir livros numa língua popular ou escrevê-los nessa língua. O próximo passo foi chamar esses livros escritos nessas línguas de *romanz*, *roman*, *romance*, *romanzo*, que passaram mais tarde (a partir do século XV) a denominar um gênero literário que narrava histórias de amor cortês em verso. Esse foi o termo que acabou ficando consagrado em diversas línguas européias para se referir a um certo tipo de prosa de ficção.

Novel, por sua vez, é o adjetivo *novel* (novo) substantivado e adotado de forma definitiva, em língua inglesa, no final do século XVIII para se referir ao novo gênero⁵².

Mesmo assim, a confusão em torno das definições do novo gênero permanece, pois o romance continua lançando mão do maravilhoso. Também não consegue delimitar o tempo e o espaço de suas narrativas. Por outro lado, a *novel* se coloca a favor da probabilidade, procurando se aproximar ao máximo do real. Ainda de acordo com Sandra

⁵² VASCONCELOS, Sandra G. T. *Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002. p. 34.

Vasconcelos, o vocábulo *novel*, só vai se fixar em língua inglesa para denominar o romance já no final do século XVIII, quando Clara Reeve em seu *The Progress of Romance*, de 1785, nos esclarece com sua definição acerca da diferença entre “romance” (romanesco) e “novel” (romance):

O romanesco é uma fábula heróica, que trata de pessoas e coisas fabulosas. – O romance é um quadro da vida real e dos costumes, e dos tempos em que ele é escrito. O romanesco, em linguagem sublime e elevada, descreve o que nunca ocorreu nem é provável que ocorra. – O romance faz um relato familiar daquelas coisas que se passam todos os dias diante de nossos olhos, que podem acontecer com um amigo ou conosco; e a sua perfeição é representar cada cena de uma maneira tão acessível e natural, e fazê-las parecer tão prováveis, a ponto de nos enganar e persuadir (pelo menos enquanto estamos lendo) de que tudo é real, até que sejamos afetados pelas alegrias e aflições das pessoas na história, como se fossem nossas⁵³.

Vasconcelos afirma que a tentativa de Clara Reeve em diferenciar o romance do romanesco foi de grande importância, pois havia uma desconfiança generalizada em relação à ficção. Nesse sentido, muitos escritores, preocupados com a desconfiança dos leitores de romances, utilizaram o prefácio, para dar mais credibilidade aos romances que escreviam, buscando convencer o leitor de que o que ele lê não é produto da sua imaginação, mas sim um fato real.

Os primeiros romancistas e teóricos do romance procuraram logo assegurar o novo gênero com a verdade, com os acontecimentos comuns e naturais da vida e com a probabilidade. Com todas estas características, o novo gênero se distanciaria do romanesco que tinha como requisito o maravilhoso, o inverossímil e o mundo idealizado e aristocrático. Samuel Johnson no seu ensaio de 1750 relata que:

As obras de ficção, que parecem deleitar particularmente a atual geração, são as que exibem a vida em seu verdadeiro estado, diversificada apenas por acidentes que acontecem diariamente no mundo e influenciada por paixões e

⁵³ Clara Reeve. *The Progress of Romance*, 1785. Apud VASCONCELOS, Sandra G.T. *Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. op. cit., p.45.

qualidades que realmente podem ser encontradas nas conversas com a humanidade. (*The Rambler*, n. 4, 31 de março de 1750) ⁵⁴.

Na tentativa de classificar o romance, surge uma questão que é um verdadeiro tormento para o romancista: o problema entre o real e o possível. Com o intuito de descrever o real, o romancista acaba por esquecer que acontecimentos prováveis podem acontecer na história, isto é, nas ações cotidianas dos homens poderá haver concessões ao estranho e ao surpreendente, ao imprevisível. Encontraremos as coincidências, as paixões, os sonhos e as angústias. Henry Fielding exemplifica esta questão no romance *Robinson Crusoe*, quando depois do naufrágio numa ilha, sozinho e abandonado à natureza selvagem, sem outro guia a não ser a *Bíblia*, Crusoe um dia inexplicavelmente encontra com a personagem *Friday*. Na opinião de Temístocles Linhares, ainda existe este constante tormento em diferenciar os dois termos. O mais comum é descrever com verossimilhança as ações acontecidas na história. Por outro lado, na hora de descrever desejos, angústias, conflitos de consciência, o apelo ao real se torna insuficiente, sendo o autor obrigado a recorrer ao possível, como assinala Linhares:

Há assim uma questão entre o real e o possível que não deixa de construir verdadeiro tormento para o romancista. E tormento que, acerca das relações estabelecidas entre o romance e o mundo exterior, tanto mais cresce de importância quanto mais patente fica a sua preferência por um ou outro termo. Isto é, tormento para o romancista que apenas se deixa mover pela preocupação fotográfica, pelo desejo de ser fiel ao real, de projetar a vida em sua pureza, sem ajuda de outro elemento que possa prejudicar o seu ideal de exatidão e apego à evidência. E tormento ainda para o romancista que prefere seguir a trilha do possível, nos seus atalhos e meandros através do mundo das paixões e dos sonhos, das angústias ou certos estados de espírito que se apresentam como violentas deformações do real, em oposição a tudo quanto este possa oferecer de normal, de acontecível ⁵⁵.

Mais adiante Temístocles Linhares nos revela que é preciso ir além do real:

⁵⁴Samuel Johnson. *The Rambler*. Apud VASCONCELOS, Sandra G.T. *Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. op. cit., p. 27.

⁵⁵ LINHARES, Temístocles. O real e o possível. In: *Introdução ao mundo do romance*. 2ed. São Paulo: Edições Quiron Limitada, 1979. p. 22.

(...) Vida real já não dizia quase nada. E foi então que se falou em vida possível.

Transpor o real, pois, é que era preciso. Ultrapassá-lo. E Thibaudet, sem dúvida, foi dos primeiros a advertir que o romancista autêntico criava as personagens com as direções infinitas de vida “possível” ao passo que o falso romancista as criava dentro da linha da vida “real”⁵⁶.

Diante do exposto, temos os seguintes questionamentos: quais são as estratégias que o romancista utiliza para reinventar a realidade? O que ele precisa fazer para transpor o real? Aristóteles, em sua *Poética* procura esclarecer que a verossimilhança interna de uma obra é muito mais importante que a imitação do real; mal entendido que perdurou por um longo tempo nos estudos da crítica literária. Encontramos uma passagem na *Poética* que exemplifica muito bem essa preocupação com o verossímil:

(...) Não é ofício do poeta narrar o que realmente acontece; é, sim, representar o que poderia acontecer, quer dizer: o que é possível, verossímil e necessário. Com efeito, não diferem o historiador e o poeta, por escreverem em verso ou prosa (...), – diferem, sim, em que diz um as coisas que sucederam, e o outro as coisas que poderiam suceder. Por isso a poesia é mais filosófica e mais elevada do que a história, pois refere aquela principalmente o universal, e esta o particular. Referir-se ao universal, quero eu dizer: atribuir a um indivíduo de determinada natureza pensamentos e ações que, por liame de necessidade e verossimilhança, convém a tal natureza; e ao universal, assim entendido, visa a poesia quando põe nome às suas personagens (...)⁵⁷.

Observa-se que Aristóteles nessa passagem procura esclarecer o trabalho de seleção feita pelo romancista diante da realidade e de como ele deve fazer para interligar a possibilidade, verossimilhança e necessidade. Assim, não cabe à narrativa de ficção copiar a realidade tal qual se encontra, mas sim reproduzir por meio das diversas modalidades aquilo que já existe ou poderia existir na natureza.

Antonio Candido concorda com Aristóteles e nos revela acerca do romance que:

⁵⁶ LINHARES, Temístocles. O real e o possível. In: *Introdução ao mundo do romance*. op. cit.

⁵⁷ ARISTÓTELES. *Poética*. 2ed. São Paulo: Ars Poética, 1993. p. 53-55.

(...) na medida em que quiser ser igual à realidade, o romance será um fracasso; a necessidade de selecionar afasta dela e leva o romancista a criar um mundo próprio, acima e além da ilusão de fidelidade⁵⁸.

Também conceituando verossimilhança, Beth Brait, para exemplificar o conceito de verossimilhança interna de uma obra, escolhe *Iracema*, de José de Alencar para melhor esclarecer esse tema:

O ponto de partida do romance é um argumento histórico: a fundação do Ceará. Nem por isso ele vai ou deve se comportar como um historiador. A personagem Iracema, elemento que nos interessa neste momento, vai sendo esculpida não por imitação a um índio real, com quem se pudesse tropeçar nas selvas brasileiras, mas com a seleção de informações fornecidas pelos cronistas e com um trabalho de criação de um romancista-poeta empenhado em resgatar, pela linguagem, uma criatura possível de um mundo selvagem ainda não dominado pela civilização.

(...) o escritor brasileiro faz o texto falar a língua indígena numa dicção de um mundo possível, que só a literatura pode recuperar⁵⁹.

Antonio Candido, em seu ensaio *A Personagem do Romance*, menciona que é necessário que todos os elementos do romance estejam ajustados entre si de maneira adequada, com o objetivo de imprimir nos leitores a impressão de verdade. A noção de verossimilhança é entendida por Candido, como *sentimento de verdade*, estabelecendo o conceito de coerência como sendo um elemento fundamental na organização interna do romance. A verdade, que tanto os escritores querem representar em suas obras, não é o essencial para a constituição de um romance. Na realidade, a verdade *não depende apenas, nem sobretudo, da relação de origem com a vida, com modelos propostos pela observação, interior ou exterior, direta ou indireta, presente ou passada*⁶⁰. É mais importante observar na obra literária a organização interna de seus elementos do que tentar igualar a narrativa à realidade externa. Para Candido, a verossimilhança está intimamente relacionada à organização interna da narrativa, isto é, a narrativa deve ter uma estrutura interna coerente:

⁵⁸ CANDIDO, Antonio et alii. *A personagem de ficção*. 9ed. São Paulo: Perspectiva, 1992. p. 67.

⁵⁹ BRAIT, Beth. *A personagem*. 5ed. São Paulo: Ática, 1993. p. 33-34.

⁶⁰ CANDIDO, Antonio et alii. *A Personagem do Romance*. In: *A personagem de ficção*. op. cit., p. 75.

Assim, a verossimilhança propriamente dita, — que depende em princípio da possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção igual a vida), — acaba dependendo da organização estética do material, que apenas graças a ela se torna plenamente verossímil. Conclui-se, no plano crítico, que o aspecto mais importante para o estudo do romance é o resultado da análise da sua composição, não da sua comparação com o mundo. Mesmo que a matéria narrada seja cópia fiel da realidade, ele só parecerá tal na medida em que for organizada numa estrutura coerente ⁶¹.

É importante lembrar que o elemento romanesco dentro de uma narrativa realista não pode ser de todo sufocado. O novo gênero estava entrando em contradição com a teoria do classicismo, a obra deveria seguir o decoro e a elegância. A ambientação externa, assim como o cenário interno não poderiam ser aprofundadas. A paisagem sempre tranqüila e a alma humana não poderiam apresentar surpresas e nem mistérios, não havendo lugar para fantasia. O artista deveria regular-se sempre pelo entretenimento racional e pelas regras da natureza.

A realidade e a fantasia, segundo Antonio Candido, são dois pólos que na verdade se contemplam harmoniosamente, quando se trata do romance. O fundamento principal do romance segundo Candido seria:

(...) a realidade elaborada por um processo mental que guarda intacta a sua verossimilhança externa, fecundando-a interiormente por um fermento de fantasias, que a situa além do quotidiano, — em concorrência com a vida. Graças aos seus produtos extremos, embebe-se de um lado em pleno sonho, tocando de outro no documentário. Os seus melhores momentos são, porém, aqueles em que permanece fiel à vocação de *elaborar* conscientemente uma realidade humana, que extrai da observação direta, para com ela construir um sistema imaginário e mais durável ⁶².

Marisa Lajolo assegura que as histórias que a literatura conta *não precisam ser verdadeiras*, mas por outro lado, *também não precisam ser inverídicas*⁶³. Lajolo nos mostra que é desnecessário saber se a Tia Nastácia foi ou não foi babá de um dos filhos de Monteiro Lobato (1882-1948), como é irrelevante também saber se a *Iracema* de José de Alencar, a

⁶¹ CANDIDO, Antonio. A Personagem do Romance. In: *A personagem de ficção*. op. cit., p. 75.

⁶² CANDIDO, Antonio. Um instrumento de descoberta e interpretação. In: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 6ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981. p.109.

⁶³ LAJOLO, Marisa. *Literatura: Leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001. p. 46-47.

virgem dos lábios de mel, vagava, enamorada e quase morrendo nas praias dos *verdes mares bravios* de nosso país. Para Lajolo, os mundos fantásticos criados pelo autor não caem do céu e também eles não são inspirados por divindades ou anjos e muito menos por musas. O escritor não inventa um mundo qualquer em sua história; o mundo que ele inventa para compor sua narrativa nasce de sua experiência e da sua realidade histórica e social. A literatura não está comprometida com o mundo real, mas sim, com o mundo do possível. A criação literária não nasce somente da imaginação do escritor, nasce da imaginação ancorada na realidade.

Lajolo lembra Aristóteles que diz *que o mundo da literatura é o mundo do possível: enquanto para o grego a história narrava o que realmente tinha acontecido, ficava por conta da literatura o que podia acontecer*⁶⁴. Assim, o romance tem este objetivo, o de narrar o que podia acontecer; e não o que realmente aconteceu.

Segundo Watt existe uma outra maneira de imitar a realidade, isto é, por meio de um método narrativo que ele denomina de “realismo formal”. Trata-se de uma convenção ou premissa que expressa que o romance deve ter um conjunto de técnicas narrativas com o objetivo de produzir um relato autêntico das experiências reais dos indivíduos, repudiando assim, os enredos oriundos da tradição. O “realismo formal” valoriza desta maneira, uma linguagem que fosse mais próxima do cotidiano, da particularização das personagens, da descrição do espaço e tempo, e no princípio da causalidade que rege o mundo ficcional do romance, como assinala Watt:

(...) o romance constitui um relato completo e autêntico da experiência humana e, portanto, tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações – detalhes que são apresentadas através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras formas literárias.⁶⁵

Assim, como entender o uso do “realismo” no romance? Sandra Vasconcelos, ao citar Raymond Williams fala do “realismo” e nos mostra que para o estudioso o termo realismo fora usado desde o início para descrever cenas reais com precisão e vividez, contrapondo-se à caricatura e à idealização. O “realismo” descreveria o dia-a-dia do homem

⁶⁴LAJOLO, Marisa. *Literatura: Leitores e leitura*. op. cit. p. 46-47.

⁶⁵ WATT, Ian. *A Ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p.31.

comum, contemporâneo em oposição ao mundo lendário e romanesco. No entanto, é com a ascensão da burguesia, que esta realidade do dia-a-dia passou a ser associada com essa nova classe social. Com todo esse movimento, esta nova realidade passou a ser chamada de “doméstica” e “burguesa” antes de ser chamada de “realista” revelando, assim, a importância do romance como um dos principais veículos dessa nova consciência. Raymond Williams conceitua o termo “realismo” como “uma apreensão particular de uma relação entre indivíduos e sociedade” apoiado na idéia de que

A sociedade não é um pano de fundo contra o qual as relações pessoais são estudadas, tampouco os indivíduos são meras ilustrações de aspectos de modo de vida. Cada aspecto da vida pessoal é radicalmente afetado pela qualidade da vida geral, contudo a vida geral é vista no que tem de mais importante em termos completamente pessoais. Atentamos com todos os nossos sentidos para cada aspecto da vida geral, contudo o centro do valor está sempre na pessoa humana individual – não qualquer pessoa isolada, mas as muitas pessoas que são a realidade da vida geral.⁶⁶

Estas leis internas foram discutidas em prefácios, artigos e panfletos. Os escritores se preocupavam com a definição do novo gênero, com os problemas de forma e técnica, com o questionamento do conteúdo próprio do romance, com as questões éticas, com a importância do leitor assim como a do romancista, com as estratégias narrativas e com a interdependência do romance com outros gêneros literários.

Foram os romancistas ingleses que romperam com a tradição clássica, com o objetivo de mostrar que a personagem não deve ser vista como um tipo, ou uma figura, mas sim como uma pessoa comum no contexto social contemporâneo. O tempo, o espaço, juntamente com o enredo são de grande importância na contextualização e no desenvolvimento das personagens de um romance. O romance tem como objetivo fundamental descrever a experiência individual situando as personagens num tempo e espaço específico, com enredo e ação também em circunstâncias determinadas. No romance, a noção de tempo e espaço é determinante nas relações entre as personagens que ocupam o centro do mundo e *a noção de tempo carrega dentro de si a possibilidade de aprendizado por meio da*

⁶⁶ RAYMOND, Williams. Realism and the Contemporary Novel. In: *The Long Revolution*. Londres, The Hogarth Press. 1992. p.274-89. Ver p.274. Apud VASCONCELOS, Sandra G. T. *Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. op. cit., p. 25-26.

*experiência, a chance de mudança, de amadurecimento*⁶⁷. Na realidade, estes dois elementos são duas dimensões inseparáveis, e jamais conseguiremos visualizar um momento específico da vida, sem antes ter de situá-los num contexto social.

Por todas as características técnicas já mencionadas é que segundo Ian Watts, o romance é *a elaboração do que pretende ser um relato autêntico das verdadeiras experiências individuais*⁶⁸. Com essa intenção os escritores ingleses Defoe e Richardson rompem com os cânones de estilo de prosa classicista, ou seja, eles procuraram adotar um tipo de linguagem que desse uma impressão de absoluta realidade à narrativa.

Dessa forma, os romancistas procuraram mostrar cenários familiares ao leitor, isto é, eles procuraram apresentar personagens que poderiam existir na vida real, descrevendo assim, as experiências diárias, os conflitos e os pensamentos das personagens. Estas técnicas usadas nas narrativas cronológicas de caráter biográfico foram responsáveis pelo sucesso do romance entre os leitores no século XVIII, na Inglaterra.

A ascensão do romance na Inglaterra ocorreu também por meio do público leitor que começou a surgir nesta época. O surgimento do romance, assim como a do jornalismo são exemplos dos efeitos nas mudanças que os leitores sofreram no século XVIII. A leitura de jornais e de romances era uma leitura rápida, descontraída e prazerosa e é no século XVIII que surgiu esta vontade de ler livros com mais intensidade do que em outras épocas.

Como os escritores não conseguiam identificar seus leitores, eles tentaram manter um contato com seus admiradores por meio de cartas, de resenhas ou de cartas publicadas em revistas literárias. O objetivo dessa relação era trocar experiências, comentários e explicações, entre outros. Richardson foi um dos romancistas ingleses que mais cartas recebeu, sendo que boa parte dessas cartas eram de mulheres.

O romance no século XVIII tornou-se uma febre, um sucesso. A procura pela leitura dessas narrativas foi muito grande. Todos queriam ler romances e por esse motivo, ele tornou-se um bem popular, como assegura Sandra Vasconcelos:

Robinson Crusoe, de Daniel Defoe, Gulliver's Travel, de Jonathan Swift e Love in Excess, de Eliza Haywood foram os romances mais populares até a publicação de Pamela, que assim como Joseph Andrews, Tom Jones,

⁶⁷ VASCONCELOS, Sandra G. T. *Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. op. cit. p. 40.

⁶⁸ WATT, Ian. *A Ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding*. op. cit., p. 27.

Clarissa e Roderick Ramdom, alcançou várias reedições durante os anos 1750 e 1760 ⁶⁹.

Alguns fatores retardaram a expansão e o aumento do público leitor, na Inglaterra, como por exemplo, as limitadas oportunidades de instrução, um número insuficiente de escolas, o emprego de crianças como força de trabalho, o alto preço dos livros e jornais, a falta de motivação para estudar e o fato de a leitura ser considerado um privilégio de classe. No entanto, foi com as mulheres de classe média que o romance adquiriu forças para se expandir ⁷⁰. As mulheres foram leitoras vorazes que iam correndo às livrarias ou bibliotecas circulantes para conseguir um exemplar. Com todo esse interesse por romances, os ficcionistas foram obrigados a produzir mais romances, e foi assim que começaram a aparecer os escritores profissionais, que escreviam por dinheiro e eram contratados por livreiros para escreverem mais romances e, desta maneira, aumentar este mercado que estava em expansão. Assim, com toda essa expansão, o comércio de romances tornou-se um negócio lucrativo fazendo do mesmo uma mercadoria como outra qualquer.

Nessa época, os romances e os periódicos foram de extrema importância na educação da maioria das mulheres do século XVIII. O romance começou a ser visto como um instrumento pedagógico que tinha como objetivo educar e ensinar as boas maneiras. As bibliotecas circulantes foram de fundamental importância no processo de formação do público leitor do século XVIII, na Inglaterra, pois facilitaram o acesso dos leitores aos romances. Por preços bem razoáveis, o público leitor pôde ter acesso ao livro, contribuindo assim para o aparecimento de um número maior de bibliotecas, assim como para aproximar a literatura dos leitores ⁷¹.

Surgem também, nessa época, a classe comercial e industrial e ocorre o crescimento dos centros urbanos. Juntos, eles estimularam a formação desse público leitor. Da mesma maneira, outras formas de divulgação surgiram na época, tais como os clubes de livros, as listas de assinaturas e as sociedades de leitura, todos com o único objetivo de levar o leitor para perto dos livros.

Quanto aos periódicos, eles também foram essenciais na formação da leitura. A intenção principal dos periódicos era reformar os costumes e ajudar na educação da população. O periódico *Spectator*, criado por Joseph Addison e Richard Steele em 1711, em

⁶⁹ VASCONCELOS, Sandra G. T. *Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas)*. op. cit., p. 07.

⁷⁰ Ibid.

⁷¹ A primeira biblioteca circulante surgiu em Edimburgo ou em Bath, em 1725 e no mesmo ano da publicação de *Pamela* em 1750, surge a primeira biblioteca circulante em Londres.

Londres, tinha o propósito de funcionar como um fórum onde as idéias poderiam ser discutidas com a intenção de orientar os leitores *na direção de comportamentos ditados pela razão e pela civilidade*⁷².

O aumento do público leitor não foi diferente na França. O primeiro gabinete de leitura foi inaugurado em Paris em 1759⁷³, pois o gosto de leitura de romance pelos franceses foi quase igual ao dos ingleses. Os franceses também se interessaram por histórias cheias de aventuras, de paixões, de ciúmes e de crimes. Os romances ingleses que saíram da Inglaterra para a França eram todos traduzidos para o francês. *Pamela*, o romance de Samuel Richardson publicado em 1740, e traduzido para o francês por Prévost, em 1742, encantou os leitores de romance na França. Foi assim que a maior parte dos romances do século XVIII atravessou o Canal da Mancha, expandindo definitivamente o espaço para a consolidação do romance.

⁷² VASCONCELOS, Sandra G. T. *Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. op. cit., p. 145.

⁷³ VASCONCELOS, Sandra G. T. *A Formação do Romance Brasileiro: 1806-1860 (Vertentes Inglesas)*. op. cit., p. 13.

2.4 O Romance Inglês e sua contribuição para a formação do público leitor brasileiro e para a formação literária de nossos escritores brasileiros do século XIX

Vários escritores ingleses com seus romances circularam pelas nossas bibliotecas e gabinetes de leitura nos séculos XVIII e XIX despertando no público leitor brasileiro o interesse pela leitura dessa narrativa. Além do público leitor, nossos ficcionistas brasileiros também foram leitores desse novo gênero. Podemos observar em alguns trechos de seus romances que o escritor lança mão da presença de personagens leitores para divulgar a leitura dessas obras inglesas, revelando assim, a significativa influência desse gênero na formação literária dos escritores brasileiros do século XIX.

Muitos romances atravessaram o Atlântico vindo aportar em terras brasileiras. Foi com a vinda da Família Real ao Rio de Janeiro, em 1808, que a circulação de romances e livros se intensificou⁷⁴. Os livreiros e gabinetes de leitura⁷⁵ foram em parte responsáveis pela expansão de romances estrangeiros no Brasil. Os romances que aqui chegaram encontraram nossos romancistas brasileiros como leitores. *Amanda e Oscar* (a versão portuguesa de *The Children of the Abbey*) de Regina Maria Roche (1764?-1845), foi um dos romances que José de Alencar leu quanto menino e que também sensibilizou as mulheres de sua família. Já *Sinclair das Ilhas* (*Saint-Clair of the Isles or The Outlaws of Barra*), de Mrs. Elizabeth Helme (morta em 1810)⁷⁶ foi um dos romances mais lidos pelas personagens de Machado de Assis. Podemos observar, nos exemplos a seguir, que algumas personagens das narrativas de José de Alencar e Machado de Assis liam romances ingleses. No romance *Helena* (1876), a personagem Dona Úrsula lê *Saint-Clair das Ilhas*, leitura que já havia feito pela centésima vez:

(...) Dona Úrsula, pachorrentamente sentada na poltrona de seu uso, ao pé de uma janela, a ler um tomo de **Saint-Clair das Ilhas**, enternecida pela centésima vez com as tristezas dos desterrados da ilha da Barra, (...).⁷⁷

⁷⁴ VASCONCELOS, Sandra G. T. *Leituras Inglesas no Brasil Oitocentista*. Disponível em www.intercom.org.br/papers/XXV-ci/np04/NPAVASCONCELOS.pdf. p. 01. Acesso em: 05/08/2004.

⁷⁵ Gabinetes de leitura: espécie de bibliotecas circulantes onde, mediante o pagamento de uma taxa, os leitores podiam retirar um certo número de livros por mês e lê-los em casa. In: LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o romance brasileiro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004. p. 39.

⁷⁶ Foi Marlyse Meyer quem primeiro descobriu as obras de ficção das escritoras inglesas Mrs. Helme e Roche.

⁷⁷ ASSIS, Machado de. *Helena*. Rio de Janeiro: Editora de Ouro. [s. d.] p. 38. (Grifo meu)

No conto *Anedota Pecuniária* publicada originalmente na *Gazeta de Notícias* em 1883, o romance inglês *Saint-Clair das Ilhas* é citado três vezes:

(...) à noite, quando ele quisesse ler o velho tomo ensebado do *Saint-Clair das Ilhas*, dádiva de 1850.

(...) Às vezes, como a vista do tio começava a diminuir muito, lia-lhe ela mesma alguma página do *Saint-Clair das Ilhas*.

(...) Ela sentava-se ao pé da cama, contando-lhe histórias; espiava o relógio para dar-lhe os caldos ou a galinha, lia-lhe o sempiterno *Saint-Clair*.⁷⁸

Na novela *Casa Velha* publicada originalmente em *A Estação* em 1886, o romance de Mrs. Elizabeth Helme é citado por uma personagem que tinha a intenção de ler novamente o romance, pois já havia lido a mesma narrativa no ano passado:

— Sinhazinha, o livro? perguntou ela à neta.

— Está aqui, vovó.

— É o mesmo da outra vez, Nhãtônia?

Era a mesma novela que lera quando aí esteve um ano antes, e queria reler agora: era o *Saint-Clair das ilhas ou os desterrados na ilha da Barra*. Meteu a mão no bolso e tirou os óculos, depois a caixa de rapé, e pôs tudo no regaço.⁷⁹

Em *Quincas Borba* (1891), no capítulo CXXXII, a personagem Siqueira abre o primeiro volume de *Saint-Clair das Ilhas* no capítulo que ele já conhece de cor:

(...) Dona Tinoca entrou e foi ao pai, que se estendera no canapé, para reler o velho **Saint-Clair das Ilhas ou os desterrados da ilha da Barra**. (...) “Enchei bem os vossos copos, exclamou de uma vez, eis o brinde que vos proponho. À saúde dos bons e valentes oprimidos, e ao castigo dos seus opressores. Todos acompanharam **Saint-Clair**, e foi de roda a saúde”.⁸⁰

⁷⁸ ASSIS, Machado de. *Anedota Pecuniária*. Disponível em: www.bib.vit.futuro.usp.br/textos/autores/machadodeassis/historiasemdata/historiasemdata_texto.html#a. Acesso em: 12/11/2005. (Grifo Meu)

⁷⁹ Id. *Casa Velha*. Porto Alegre: Editora Paraula, 1994. p. 81. (Grifo Meu)

⁸⁰ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. 13 ed. São Paulo: Ática, 1995. p. 83. (Grifo meu)

No romance *A Mão e a Luva* (1874), a personagem Jorge chega à casa da tia certa noite e encontra Guiomar, a baronesa e Mrs. Oswald entretidas com a leitura de algumas obras estrangeiras:

De noite (Jorge) foi à casa da tia. Achou as senhoras à volta de uma mesa: Guiomar lia, para a madrinha ouvir, um romance francês, recentemente publicado em Paris e trazido pelo último pacote. Mrs. Oswald lia também, mas para si, um grosso volume de **Sir Walter Scott, edição Constable de Edimburgo**.⁸¹

No romance *Sonhos D'Ouro* (1872), podemos observar uma conversa informal entre as personagens Guida e Ricardo acerca da leitura de romances ingleses. São revelados nesse diálogo, seus gostos e preferências por uma literatura que ainda estava se aclimatando em solo brasileiro:

- (...) (Guida) Mrs. Trowsy quando se agarra com seu romance, ninguém conte com ela. Então **Dickens!**
- É o seu autor favorito?
- **Dickens?**...É o autor de sua paixão, disse afinal confirmando o aceno, e com uma ligeira confusão.
- Gosta dos **romances ingleses?** perguntou Guida.
- Poucos tenho lido. A literatura francesa nos invadiu; e por algum tempo foi nosso único fornecedor de idéias. Das outras apenas conhecíamos as obras-primas, os grandes poetas. Ultimamente já entramos em comércio com outras literaturas; mas a mim falta-me o tempo e o gosto.
- Alguns acham os **romances ingleses** muito insípidos.
- É natural. Somos uma raça tão diversa! Eles hão de achar os nossos extravagantes.⁸²

José de Alencar, por exemplo, foi um dos escritores que sofreu a influência dos romances ingleses, pois contribuiu para *gravar em meu (seu) espírito os moldes dessa estrutura literária*.⁸³

⁸¹ MACHADO, de Assis.. *A Mão e a Luva*. 9 ed. São Paulo: Ática, 1991, p. 51. (Grifo meu)

⁸² ALENCAR, José de. *Sonhos D'Ouro*. 3 ed. São Paulo: Ática, 2000. p. 173. (Grifo meu)

⁸³Id. *Como e por que sou romancista*. Disponível em: www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/autores/josedalencar/comoeporquesou/comoeporquesou.html. p. 04 Acesso em: 08/09/2004.

O público leitor, especialmente o público feminino, adorava as histórias compridas, cheias de personagens, de romance, de aventuras, de paixões e até de morte. José de Alencar, leitor voraz, também adorava ler romances de aventuras. Podemos observar tal entusiasmo em sua autobiografia:

Devorei os romances marítimos de **Walter Scott** e **Cooper**, um após outro; passei aos do **Capitão Marryat** e depois quantos se tinham escrito desse gênero, pesquisa em que me ajudava o dono do gabinete, um francês, de nome Cremieux, se bem me recordo, o qual tinha na cabeça toda a sua livraria.⁸⁴

Antonio Candido comenta como esses romances estrangeiros eram valorizados, influenciando, assim, os nossos escritores brasileiros:

Assim, ao lado de George Sand, Mérimée, Chateaubriand, Balzac, Goethe, Irving, Dumas, Vigny, se alinhavam Paul de Kock, Eugène Sue, Scribe, (...). Quem sabe quais e quantos desses subprodutos influíram na formação do nosso romance?⁸⁵

Muitos outros escritores ingleses e seus romances circularam pelo Brasil nas nossas bibliotecas e gabinetes de leitura, tais como Daniel Defoe (1660-1731), Samuel Richardson (1689-1761), Jonathan Swift (1667-1745), Henry Fielding (1707-1754), Laurence Sterne (1713-1768), Charlotte Smith (1749-1806), Ann Radcliffe (1764-1823), Walter Scott (1771-1832), entre outros. As histórias como a de *Pamela*, de Richardson, de *Robinson Crusoe*, de Defoe, da infeliz *Clarissa Harlowe* de Richardson ou do *Tom Jones* de Fielding, contribuíram para formar todo um imaginário que circulou pela Europa estendendo-se para outros territórios, como o Brasil.

Os temas desses romances foram, em grande parte, o casamento, a vida privada e doméstica, as paixões incontroláveis, a sedução, as traições, a desonra, os raptos, a usurpação de direitos e herança, para destacar alguns. Esses romances trouxeram para a vida cotidiana dos leitores, amores e problemas com os quais eles podiam se identificar. Entre as obras que aqui chegaram da Inglaterra do século XVIII, temos representantes de todos os tipos de

⁸⁴ ALENCAR, José de. *Como e por que sou romancista*. op. cit., p. 04 (Grifo meu)

⁸⁵ CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 2v. 6 ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981. p. 121-122.

romance. Como, por exemplo, o romance gótico de Horace Walpole (1717-1797) e Ann Radcliffe, o romance doméstico e sentimental de Samuel Richardson, o romance de costumes de Henry Fielding e de Fanny Burney (1752-1840), o romance de doutrina de William Godwin (1756-1836), a fantasia oriental de *Rasselas*, de Samuel Johnson (1709-1784) e o romance histórico de Walter Scott⁸⁶. Todas essas obras estavam à disposição dos nossos primeiros escritores, deixando marcas no imaginário desses ficcionistas.

Além das obras dos pais fundadores do romance inglês, como Daniel Defoe, Samuel Richardson, Henry Fielding, Tobias Smollet (1721-1717) e Laurence Sterne, outras obras de escritores ingleses bastante lidas na Inglaterra durante o século XVIII aportaram aqui no Brasil, nas primeiras décadas, cobrindo o período compreendido entre 1770 e 1820.⁸⁷ Temos Fanny Burney, Mrs. Elizabeth Inchbald (1753-1822), Sophia Lee (1750-1824), Ann Radcliffe e as escritoras Regina Maria Roche e Mrs. Elizabeth Helme descobertas por Marlyse Meyer. Além de encontrar escritores ingleses do século XVIII, poderíamos encontrar também nas nossas bibliotecas e gabinetes de leitura obras de escritores do século XIX, tais como, Charles Dickens (1812-1870), William Harrison Ainsworth (1803-1882), Miss Mary Elizabeth Braddon (1835-1915), Wilkie Collins (1824-1889), Lady Georgiana Fullerton (1812-1885), Captain Thomas Mayne-Reid (1818-1883) e o Capitão Frederick Marryat (1792-1848), entre outros.⁸⁸

Durante todo o período de formação do romance brasileiro, surgiram bibliotecas e gabinetes de leitura que estimularam os leitores a se interessarem pela leitura de romances. Surgiram assim a Gessellschaft Germânia, em 1821, a Rio de Janeiro British Subscription Library, em 1826, o Real Gabinete Português de Leitura, em maio de 1837, e a Biblioteca Fluminense, em 1847⁸⁹, todas com a intenção de divulgar o gosto pela leitura de livros e romances.

Os jornais também foram importantes na divulgação de livros. Por meio dos jornais a *Gazeta do Rio de Janeiro* e o *Jornal do Commercio* [sic], ou até mesmo de catálogos, poderíamos encontrar anúncios de livros e uma grande variedade de romances. A seção *Loja da Gazeta* do jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, por exemplo, publicou entre os anos de 1808 e 1822 uma oferta regular de listas de obras estrangeiras para o público leitor do Rio de Janeiro, tais como *Luiza, ou o caçal* [sic] *no bosque*, de Mrs. Helme (1816), *Viagens de Guliver*, de Swift (1817), *Vida e Aventuras admiráveis de Robinson Crusoe*, de Defoe

⁸⁶ VASCONCELOS, Sandra G. T. *Leituras Inglesas no Brasil Oitocentista*. op. cit., p. 04.

⁸⁷ VASCONCELOS, Sandra G. T. *Ibid.*

⁸⁸ *Ibid.*, p. 05.

⁸⁹ *Ibid.*, p. 03.

(1817), *Tom Jones ou O Engeitado* [sic], de Fielding (1817), *A História da Infeliz Clarissa Harlowe* em oito volumes, de Richardson (1820)⁹⁰.

Nos catálogos do Rio de Janeiro Subscription Library, assim como na Biblioteca Fluminense e no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro⁹¹, já era possível encontrar romances ingleses destinados à comunidade inglesa residente na cidade e ao público em geral interessado na leitura de romances. Dessa forma, a maior parte dos romances ingleses aqui chegados vinham a partir de versões francesas, traduzidas para o português. Assim, os romances ingleses começaram a chegar ao Rio de Janeiro na primeira metade do século XIX e esta importação se manteve durante todo o século, com presença constante de romances ingleses nos catálogos das bibliotecas e nos gabinetes de leitura da corte.

O livro tornou-se um objeto cada vez mais acessível nos séculos XVIII e XIX, pois os livreiros e as bibliotecas circulantes colocavam à disposição dos leitores um maior número de livro no mercado. Coleções como a Routledge's Railway Library, a Bentley's Standard Novel (3 séries), a The Parlour Library (com 279 títulos publicados entre 1847 e 1863), publicaram uma série de romances, tais como, *Caleb Williams*, *Thaddeus of Warsaw*, *Frankenstein*, *Hungarian Brothers*, *Otranto*, *Vathek*, *St. Leon*⁹², que foram de extrema importância para a divulgação e democratização da leitura. Havia, nesta altura, um grande número de gabinetes de leitura, comprovando assim o acesso à leitura de romances, de acordo com o estudo de Ana Luiza Martins:

(...) quase duas dezenas de gabinetes, espalhados pela província, comprovando o predomínio do gênero romance, sobretudo o folhetim, e a presença maciça de autores estrangeiros traduzidos, entre os quais encontramos **Walter Scott e Charles Dickens**.⁹³

Essas coleções inglesas que reuniam tanto histórias do século XVIII como do século XIX foram importantes na divulgação dos romances entre o público leitor em ascensão. A The Parlour Library, por exemplo, reeditou 279 títulos de escritores ingleses como Mrs.L.E.Gaskell (1810-1865), Jane Austen (1775-1817), Mrs.Elizabeth Inchbald, Anne Brontë, Miss Jane Porter (1776-1850), entre outros. O número de livros vendidos foi tão

⁹⁰ VASCONCELOS, Sandra G. T. *Leituras Inglesas no Brasil Oitocentista*. op. cit., p. 03.

⁹¹ Ibid.

⁹² Ibid., p. 04 (Grifo Meu)

⁹³ MARTINS, Ana Luiza. *Gabinetes de Leitura da Província da São Paulo: A Pluralidade de um Espaço Esquecido (1847-1890)*. São Paulo, FFLCH/USP, 1990 (mimeo), apud VASCONCELOS, Sandra G. T. *Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas)*. In: Projeto Memória da Leitura, Seção Ensaios. Disponível em: www.unicamp.br/iel/memoria. p. 16. Acesso em: 14/04/2004 (Grifo Meu)

significativo que os leitores se surpreenderam. A obra de Walter Scott chamada *Guy Mannering* vendeu 2.000 cópias no dia seguinte de sua publicação; outra obra de Walter Scott, intitulada *Rob Roy*, vendeu 10.000 cópias em uma quinzena. O romance *Pickwick Papers*, de Charles Dickens, vendeu um total de 800.000 exemplares até 1879; outro romance de Charles Dickens, *A Christmas Carol* vendeu 16.000 cópias logo no dia de sua publicação. Essas narrativas foram consideradas *best-sellers* do século XIX, comprovando assim a presença de leitores e da clara democratização do livro.⁹⁴

Além dos romances, tanto os jornais como as revistas com suas seções de variedades, miscelâneas e folhetins, foram de significativa importância para a instrução de seus leitores, contribuindo assim de modo decisivo para o processo de formação do público leitor da época. A escolha de histórias com enredos moralizantes foi o ponto marcante da imprensa dessa época. Foi nesses jornais que a ficção brasileira começou a dar seus primeiros passos, misturando as primeiras experiências de brasileiros no terreno da ficção com os romances já consagrados de escritores franceses e ingleses. O *Jornal do Comércio*, a partir do final da década de 1830, também se valeu da fórmula de misturar as produções brasileiras, com as publicações de romances já famosos em terras inglesas, abrindo espaço para vários escritores brasileiros como Pereira da Silva, Justiniano José da Rocha e Joaquim Norberto de Souza e Silva, conforme ressalta Sandra Vasconcelos⁹⁵.

Muitos dos romances europeus que aqui chegaram ofereceram sugestões importantes de possibilidades e alternativas literárias para os precursores da ficção brasileira. Para Sandra Vasconcelos, esses romances sentimentais e góticos ou históricos *contribuíram para os primeiros tateios no terreno da ficção, por parte de homens como Pereira da Silva, Justiniano José da Rocha, e outros.*⁹⁶ É importante esclarecer que, segundo Antonio Candido, os escritores brasileiros não se apropriaram do modelo do romance inglês do século XVIII. Não houve por parte dos escritores brasileiros *imitação* ou *reprodução mecânica*, mas sim a *participação nos recursos que se tornaram bens comuns através do estado de dependência, contribuindo para fazer deste uma interdependência.*⁹⁷

Pelo exposto, concluímos que o romance inglês dos séculos XVIII e XIX foi importante para a construção de nossa identidade literária. Em primeiro lugar, a presença dessas narrativas foi significativa para a formação e consolidação do romance brasileiro ainda

⁹⁴ VASCONCELOS, Sandra G. T. *Leituras Inglesas no Brasil Oitocentista*. op. cit., p. 06.

⁹⁵ Ibid. p. 21.

⁹⁶ Ibid. p. 09.

⁹⁷ CANDIDO, Antonio. Literatura e Subdesenvolvimento. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987. p.155.

em formação. Em segundo lugar, a leitura de romances estrangeiros, inclusive dos romances ingleses, se intensificou e se democratizou, despertando no leitor brasileiro o interesse e o prazer pela leitura desse novo gênero literário.

A Presença Inglesa na Literatura Brasileira do século XIX

— *Is he coming? (Vem?)* perguntou Mrs. Trowsky
Guida disse que não, com um ligeiro aceno de
cabeça.

— *Why not? (Por que não?)*

(*Sonhos D'Ouro*, José de Alencar)

3. As influências inglesas nas obras de Joaquim Manuel de Macedo, José de Alencar e Machado de Assis.

Os ingleses instalaram-se nas colônias brasileiras com suas instituições e agências de penetração econômica, política e intelectual. Essa interferência pode ser sentida nas obras de alguns escritores brasileiros do século XIX. Manuel Antonio de Macedo, Machado de Assis e José de Alencar procuraram retratar por meio das personagens, a crítica em relação ao domínio dos ingleses na vida dos brasileiros do século XIX. Os escritores brasileiros acima citados se valeram da literatura com a intenção de chamar atenção à interferência dos ingleses na vida política, econômica e cultural brasileira.

A influência inglesa ultrapassou as questões econômicas e políticas e foi marcante também na literatura tornando-se evidente entre nossos escritores brasileiros. Joaquim Manuel de Macedo (1820-1882) em uma de suas peças teatrais, chamada *A Torre em Concurso* (1861), procurou mostrar, por meio da sátira política, a influência do engenheiro inglês e de sua tecnologia sobre os brasileiros. A história tem como enredo a construção de uma torre para o sino do curato da Serra das Batatas. O povo estabeleceu uma junta que seria encarregada de baixar um edital abrindo concorrência para escolher engenheiros que estavam interessados em se candidatar para a construção da torre. Entretanto, no parágrafo do edital, se estabelece o seguinte: *o engenheiro escolhido há de ser inglês de nação e ter vindo para o Brasil já barbado*⁹⁸. Germano não se conforma com a escolha e pergunta porque não se escolhe um francês ou um italiano. João Fernandes, o presidente da Junta declara: *Está na lei,*

⁹⁸ BROCA, Brito. *Românticos, Pré-românticos, ultra-românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Polis (Brasília): INL, 1979. p.183.

*há de se cumprir*⁹⁹, pois em matéria de engenheiro, naquele tempo só os ingleses eram confiáveis. Henrique, o engenheiro brasileiro, pede para que ele seja o escolhido, mas o problema é que ninguém confiava nele. Assim, com toda essa confusão em torno do assunto, dois vagabundos, um chamado de Pascoal e o outro de Crispim, apresentaram-se como engenheiros ingleses levando em consideração a oportunidade que o edital fornece de só contratar engenheiros daquela nacionalidade. Tal escolha gera um conflito, pois o povo não entendia sua língua. No entanto, uns queriam o Pascoal e outros o Crispim. Dessa forma, a única maneira de resolver o problema foi por meio da eleição. Depois de muita confusão e pancadaria, Henrique, o brasileiro, foi nomeado o engenheiro das obras da torre. Com esta sátira política de Joaquim Manuel de Macedo, podemos concluir que de alguma forma o aparente domínio inglês sobre os brasileiros não era visto com bons olhos.

A presença da cultura britânica aparece representada também por José de Alencar (1829-1877), quando descreve o hábito de andar a cavalo, no romance *Sonhos D'Ouro* (1872): a protagonista, Guida, possui um cavalo chamado *Edgard* e, com seu cavalo, exibe sua beleza altiva e digna de um cavalo inglês. Alencar, ao descrever o cavalo de Guida, acentua as características inglesas:

O cavalo era digno pedestal estátua de Diana. Alto, airoso, de uma estampa soberba, respirava a elegância altiva e serena, que lhe imprimia a educação britânica. O cavalo do Cabo, de boa raça, tem alguma coisa de lorde: a mesma fleuma aristocrática, o mesmo garbo frio e impassível, a mesma sobriedade do gesto, (...) ¹⁰⁰.

Dessa forma, Alencar quer mostrar as relações entre ingleses e brasileiros, observando a maneira como os ingleses eram vistos pelos brasileiros. No diálogo entre Guida e Ricardo, personagem que também possuía um cavalo chamado de *Galgo*, percebemos a aristocracia de *Edgard* em relação a *Galgo*. O texto revela, por meio dos dois cavalos, as relações entre os dois países. O narrador quis chamar atenção para a superioridade da política e da tecnologia inglesa em relação à colônia brasileira metaforizado pela representação dos dois animais:

Tenho para mim que um cavalo do Cabo olha para os cavalos de raça diferente com o mesmo polido desdém que sentia Lorde Derby pela nobreza

⁹⁹ BROCA, Brito. Ibid.

¹⁰⁰ ALENCAR, José de. *Sonhos D'Ouro*. São Paulo: Ática, 2000. p. 27.

das outras nações. O lorde inglês apropriou-se do antigo mote dos senhores do mundo, *civis sum*. O cavalo do Cabo, parodiando a divisa, diz *equus sum*; eu sou o cavalo por excelência, o fidalgo de raça, o gentleman da estrebaria

¹⁰¹

Os costumes ingleses se estenderam para o comportamento das personagens, como é possível observar nos dois trechos a seguir, quando a personagem Guida não quer ser comparada a uma dessas moças sonhadoras e românticas. Ela recebeu uma educação inglesa e por isso sabe o valor do tempo:

— Já se vê que fez uma idéia muito errada a meu respeito. Não tenho queda para romântica, nem jeito para representar de musa suplementar, e como Safo atirar-me do rochedo abaixo, a pé ou a cavalo. Sou filha de banqueiro, e deram-me educação inglesa. Devo ter pois o espírito positivo, e saber o valor do tempo, o que quer dizer, da vida. Para mim não há homem neste mundo que valha um suspiro, quanto mais um suicídio! ¹⁰²

Além do comportamento de Guida, percebe-se, também, a supremacia do cavalo britânico em relação ao cavalo brasileiro:

— Quer dizer que não me emprestava seu cavalo? Então pensa que eu precisava dele para atirar-me da ladeira abaixo, se me viesse à fantasia experimentar essa emoção? Está enganado. Para isso preferia “Edgard”, pois com sua fleuma britânica, só obrigado por mim ele se precipitaria, mas friamente, como um cavalo que se respeita; e não desastadamente, e às cegas, como o seu “Galgo”, que não tem maneiras ¹⁰³.

Nesse mesmo romance, há a presença de uma governanta inglesa, Mrs. Trowsky, que é também professora de inglês e está sempre na companhia de Guida. Era de praxe, naquela época, contratar profissionais estrangeiros no Brasil. A governanta inglesa, o técnico ou o engenheiro inglês, assim como o médico inglês foram de extrema importância para a sociedade brasileira no século XIX. Os jornais costumavam colocar anúncios de governantas inglesas ou senhoras que desejavam acomodar-se em casas de família.

¹⁰¹ ALENCAR, José de. *Sonhos D'Ouro*. op. cit., p. 27.

¹⁰² ALENCAR, José de. *Ibid.*

¹⁰³ *Ibid.*, p. 113-114.

Há uma sra. Ingleza de idade que deseja accommodar-se em alguma casa de sra. Viúva ou algum homem solteiro ou qualquer outro de pequena família. Quem precisar de huma Sr. Ingleza p^a tomar conta e dirigir huma casa de família, de que tem muita pratica, annuncie por este jornal para ser procurado.

Há uma Sra. Ingleza que entende o idioma Portuguez e com sufficientes habilidades e todos os predicados necessários p^a tomar conta do arranjo de huma casa, quem se quizer utilizar dos seus préstimos dirija-se ao Pateo da Pracinha n.º 1, andar de casa que tem huma taboleta escripta em Inglez que lá achará com quem tratar.¹⁰⁴

A crítica contra os hábitos e costumes dos ingleses realçada por José de Alencar aparece também em obras, como *A Viuvinha* e *Cinco Minutos*. No romance *Cinco Minutos* (1856), Alencar refere-se, de maneira critica à pontualidade dos ingleses como sendo um comportamento rígido e frio. Uma característica racionalista de um país capitalista onde o tempo é dinheiro e o relacionamento é frio e distante. O narrador considera esse costume de muito mau gosto:

Sabe que sou o homem menos pontual que há neste mundo; entre os meus imensos defeitos e as minhas poucas qualidades, não conto a *pontualidade*, essa virtude dos reis e esse mau costume dos ingleses¹⁰⁵.

No final da narrativa, o narrador ressalta que nem sempre a pontualidade é positiva, pois se tivesse sido pontual como um inglês, jamais teria conhecido seu amor. O atraso lhe trouxe a felicidade e foi a demora que lhe permitiu conhecer sua amada. Alencar critica e ironiza esse comportamento frio e distante do cidadão inglês, comparando-o com uma máquina, a qual é programada para fazer tudo certo e na hora exata:

Desta pequena causa, desse grão de areia, nasceu a minha felicidade; dele podia resultar a minha desgraça. Se tivesse sido pontual como um inglês, não teria tido uma paixão nem feito uma viagem; mas ainda hoje estaria perdendo o meu tempo a passear pela rua do Ouvidor e a ouvir falar de política e teatro.

Isto prova que a pontualidade é uma excelente virtude para uma máquina;

¹⁰⁴ FREYRE, Gilberto. op. cit., p. 266.

¹⁰⁵ ALENCAR, José de. *Cinco Minutos e A Viuvinha*. 15ed. São Paulo: Ática, 1991. p. 07.

mas um grave defeito para um homem ¹⁰⁶.

No romance *A Viuvinha* (1857), Alencar novamente critica a invasão de usos e costumes estrangeiros no Rio de Janeiro. O escritor não especifica que tipo de estrangeirismo invadiu a cidade, no entanto, nota-se sua insatisfação, pois os serões de família já não eram mais íntimos e tranquilos como outrora:

Aí nessa sala passavam as três pessoas de que lhe falei um desses serões de família, íntimos e tranquilos, como já não os há talvez nessa bela cidade do Rio de Janeiro, invadida pelos usos e costumes estrangeiros ¹⁰⁷.

Em um outro exemplo, do mesmo romance, Alencar descreve uma personagem com algumas características de um cidadão inglês. A personagem, ao se relacionar com as outras pessoas, tinha muito do trato inglês: educação, descrição e honestidade nos negócios. Observação positiva, quem sabe, mas por outro lado, Alencar ironiza o modo como tramitavam os negócios, de maneira fria, impessoal e distante, na qual o que interessava mesmo era a transação comercial:

Havia muito de inglês no seu trato. Quando fazia alguma transação ou discutia um negócio, era de extrema polidez. Concluída a operação, cortejava o negociante e não o conhecia mais. O homem tornava-se para ele uma obrigação, um título, uma letra de câmbio ¹⁰⁸.

Tal hábito é referido por Gilberto Freyre, quando esclarece que havia leilões de artigos ingleses, que chegavam ao Brasil avariados. Os ingleses faziam questão de informar ao comprador que a mercadoria apresentava problemas. O comprador estava ciente dos defeitos, pois acreditava na palavra do cidadão inglês nos negócios:

A “palavra de inglês” se afirmava nesses anúncios de leilões como equivalente de palavra de honra e ao lado da “hora inglesa”(…).
(...) do cavalheirismo e da exatidão nos negócios, revelados pelos ingleses que foram aqui se estabelecendo como negociantes. O cavalheirismo e a

¹⁰⁶ALENCAR, José de. *Cinco Minutos e A Viuvinha*. op. cit., p. 44.

¹⁰⁷ALENCAR, José de. op. cit., p. 47-48.

¹⁰⁸Ibid., p. 73.

exatidão com que os ingleses marcaram sua presença num país de encontros marcados vagamente (...).

Os ingleses é que não deixavam de os vender por estarem avariados e poderem prejudicar a saúde do público. Apenas anunciavam que estavam avariados. A “palavra de inglês” nos negócios ¹⁰⁹.

Assim, observa-se a presença inglesa nas obras de Alencar como uma simples influência cultural, mas também se percebe um posicionamento crítico do escritor diante da intervenção desses costumes num momento em que a literatura brasileira começava a ter feição própria, distinguindo sua nacionalidade. Observa-se que Alencar se posiciona contra, em certos momentos, e a favor, em outros. Alencar responde algumas críticas ao tratar das influências, definindo o Brasil como um amálgama de raças, tradições e línguas, na qual recebemos contribuições de outros povos e de suas culturas. Essas contribuições estrangeiras, juntamente com a cor local, compõem uma realidade específica, genuinamente brasileira. Essa mistura de raças, segundo Alencar, é o elemento que caracteriza a cultura brasileira. Para o escritor, a essência da literatura brasileira era essa mistura de raças, juntamente com a natureza tropical, firmando assim, um país tipicamente brasileiro. Conforme argumenta o próprio Alencar:

A literatura nacional que outra coisa é senão a alma da pátria, que transmigrou para este solo virgem com uma raça ilustre, aqui impregnou-se da seiva americana desta terra que lhe serviu de regaço; e cada dia se enriquece ao contato de outros povos e ao influxo da civilização? ¹¹⁰

Com a intenção de melhor esclarecer seus críticos sobre seu projeto literário e a formação de uma literatura nacional, Alencar chamou-a de *o período orgânico de nossa literatura*, procurando dividi-la em três fases, encaixando em cada uma dessas etapas, determinada parte de sua obra. O que nos interessa para o presente estudo é a terceira fase, quando Alencar mostrou a vida nacional em desenvolvimento, captando dela o que houvesse de mais representativo e característico. Pretendendo, também, representar o conflito do espírito nacional que estava surgindo na época, juntamente com as influências estrangeiras, que, em sua opinião, eram importantes.

No romance *Sonhos D'Ouro*, o escritor procurou defender sua obra mostrando que

¹⁰⁹ FREYRE, Gilberto. op. cit., p. 159.

¹¹⁰ ALENCAR, José de. *Sonhos D'Ouro*. op. cit., p. 15.

uma nação é feita de outras nações, ou seja, não podemos fugir das influências advindas de outros países. O Rio de Janeiro, no século XIX, ainda estava em formação, como o próprio autor menciona em seu prefácio, que a sociedade brasileira ainda *adolescente* tinha uma *fisionomia indecisa, vaga e múltipla* importando continuamente *idéias e costumes estranhos*, de outros países.

Não podemos saber realmente quais foram os motivos pelos quais José de Alencar escolheu seu romance *Sonhos D'Ouro* para melhor divulgar os hábitos ingleses. Entretanto, várias hipóteses podem ser levantadas, tais como: divulgar por meio da personagem inglesa um pouco da cultura desse povo; denunciar as interferências negativas dos ingleses na política, na economia e nos costumes brasileiros; divulgar os escritores ingleses e suas obras; revelar que uma nação não se desenvolve sem a influência de outras culturas, ou ainda, a mais provável, assinalar a independência de uma cultura brasileira e a possibilidade de produção de uma literatura genuinamente nacional.

Além de José de Alencar, Machado de Assis também lançou mão, em suas obras, das referências inglesas presentes em nossa sociedade e, para ilustrar seus enredos, incorporou uma governanta inglesa, tão em voga durante o século XIX. Na obra *A Mão e a Luva* (1874), Machado nos apresenta Mrs. Oswald, que, ao contrário de Mrs. Trowsy, de *Sonhos D'Ouro*, não prima pela boa índole. Mrs. Oswald é a dama de companhia da baronesa na narrativa. Mrs. Oswald participa do enredo do romance; entretanto, Guiomar que é a vítima de suas atitudes escusas, não chega a ser prejudicada por ela. Como uma governanta inglesa que era, Machado de Assis descreve-a:

(...) uma mulher de quarenta e quatro a quarenta e cinco anos, alta e magra, cabelo entre louro e branco, olhos azuis, ansiadamente vestida, a Sra. Oswald, - dama de companhia da baronesa, desde alguns anos. Mrs. Oswald conheceu a baronesa em 1846; viúva e sem família, aceitou as propostas que esta lhe fez. Era mulher inteligente e sagaz (...) ¹¹¹.

Mrs. Oswald é ardilosa e calculista, pois ela tem interesse no casamento de Guiomar com Jorge, sobrinho da baronesa. Com esse casamento, a herança da baronesa permaneceria com o casal. Mrs. Oswald procura ajudar Jorge revelando-lhe que deveria ficar e esperar uma oportunidade para fala com a madrinha de Guiomar:

¹¹¹ ASSIS, Machado de. *A Mão e a Luva*. 9ed. São Paulo: Ática, 1991. p. 27.

(...) Mrs. Oswald, que percebera o plano, e torcera a primeira resolução de Jorge, que era ficar e esperar. O sacrifício da parte dele era compensado pela probabilidade da vitória, a qual consistia só em haver por esposa uma moça bela e querida, mas ainda em tornar muito mais sumárias as partilhas do que a baronesa deixaria por sua morte a ambos ¹¹².

E a sagaz inglesa, conforme descreve o narrador, relata o plano completo ao sobrinho da baronesa, que de longe observava e percebia tudo o que estava acontecendo, tentando interferir nas decisões de família:

E a inglesa expôs um plano completo que o sobrinho da baronesa ouviu um tanto perplexo. O plano consistia em ir Jorge pedir a moça à baronesa, em presença dela própria. A baronesa, que nutria o desejo de os ver casados, não deixaria de fazer pesar seu voto na balança, (...) ¹¹³.

Na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), de Machado de Assis, capítulo XCII, chamado de *Um Homem Extraordinário*, o narrador apresenta uma personagem chamada Damasceno, que tinha idéias um tanto extravagantes. Ele era um déspota, a favor do tráfico de escravos e da expulsão dos ingleses. Na viagem de volta ao Rio de Janeiro, relata que muitos passageiros enjoaram, inclusive ele próprio, exceto um inglês. Damasceno critica a interferência dos ingleses na vida social, econômica e política do Brasil e exigiu que eles fossem expulsos do país:

(...) Opinava por várias coisas, entre outras, o desenvolvimento do tráfico dos africanos e a expulsão dos ingleses.(...).Enjoara muito a bordo, como todos os outros passageiros, exceto um inglês... Que os levasse o diabo os ingleses! Isto não ficava direito sem irem todos eles barra fora. Que é que a Inglaterra podia fazer-nos? Se ele encontrasse algumas pessoas de boa vontade, era obra de uma noite a expulsão dos tais *godemes*... Graças a Deus, tinha patriotismo – e batia no peito – (...) ¹¹⁴.

Diante da apresentação de tais personagens, questiona-se se existiria nesses perfis algum desconforto em relação aos ingleses no Brasil? Será que Machado de Assis, ao escrever

¹¹² ASSIS, Machado de. *A Mão e a Luva*. op. cit. p. 27.

¹¹³ Ibid. p. 79.

¹¹⁴ Id. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 15ed. São Paulo: Ática, 1990. p. 124-125.

A Mão e a Luva, quis fazer uma crítica social ao escolher uma personagem genuinamente inglesa para fazer parte da trama? Percebe-se no romance *A Mão e a Luva* uma crítica irônica à interferência inglesa na vida social, política e econômica do Brasil. Mrs. Oswald personifica bem a interferência dos ingleses nos negócios brasileiros no início do século XIX representando, ao final da narrativa, o fracasso estrangeiro diante dos donos da terra, quando Mrs. Oswald e suas intrigas são vencidas e Guiomar toma as rédeas de sua própria vida.

Podemos concluir que tanto Machado de Assis, como José de Alencar, souberam primorosamente trabalhar com as influências estrangeiras em seus romances. Essas obras nos revelam como os hábitos e costumes de outros povos estão presentes em nossa cultura nos dando oportunidade para assimilar e compreender essa influência na formação de nossa identidade nacional. As obras desses escritores brasileiros são significativas para entendermos melhor nossa identidade e nossa memória e perceber que as diversas etnias contribuíram para a formação histórica e cultural do Brasil e que os ingleses foram um deles.

3.1 A Intertextualidade presente nas obras de Machado de Assis: influências inglesas

Sabe-se que a influência inglesa na obra de Machado de Assis é oriunda de suas leituras, como constatamos na obra *A Biblioteca de Machado de Assis*. A biblioteca de Machado de Assis contém uma *massa babilônica de obras, livros, revistas de todos os gêneros, proveniências e formatos*¹¹⁵. No ensaio, *Revendo a Biblioteca de Machado de Assis*, de Gloria Vianna¹¹⁶, comprovamos as hipóteses já levantadas por críticos, teóricos e historiadores da literatura sobre as influências de outros escritores em Machado de Assis. No entanto, Vianna ressalta que seu objetivo é mapear as leituras de Machado de Assis, a partir de sua biblioteca e observa que em referência ao total de livros do acervo desse autor brasileiro, 13% do conjunto das obras são de literatura inglesa. Foram encontradas em sua biblioteca os seguintes escritores ingleses com suas respectivas obras e classificação:

TABELA 1

Escritores	Volumes	Classificação
Sterne	1 volume	Literatura Inglesa
Roberto Southey	5 volumes	História
Marie Robinson Wright	1 volume	História do Brasil
Henry Thomas Buckle	4 volumes	História da Inglaterra
Edward Earl of Clarendon	7 volumes	História
Oliver Cromwell	4 volumes	História
Lord Macaulay	4 volumes	Ensaios
Thomas Erskine May	2 volumes	História
John Bunyan	2 volumes	Literatura Inglesa
Shakespeare	20 volumes	Literatura Inglesa
Lord Byron	1 volume	Literatura Inglesa
Charles Dickens	31 volumes	Literatura Inglesa
George Eliot	3 volumes	Literatura Inglesa
Henry Fielding	1 volume	Literatura Inglesa
Oliver Goldsmith	1 volume	Literatura Inglesa
Samuel Johnson	2 volumes	Literatura Inglesa

¹¹⁵ JOBIM, José Luís. (org). *A Biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks Editora, 2001. p.25.

¹¹⁶ Ibid., p.99.

John Milton	3 volumes	Literatura Inglesa
Thomas Moore	5 volumes	Literatura Inglesa
Percy Bysshe Shelly	1 volume	Literatura Inglesa
Richard Brinsley Sheridan	1 volume	Literatura Inglesa
Laurance Sterne	2 volumes	Literatura Inglesa
Jonathan Swift	3 volumes	Literatura Inglesa
William Thackeray	2 volumes	Literatura Inglesa
Alfred Tennyson	9 volumes	Literatura Inglesa
Bailey Thomas	1 volume	Sem indicação
James Bryce	2 volumes	História

Dessa forma, pode-se assegurar a presença da leitura de obras inglesas na vida de Machado de Assis que, ao escrever seus romances e contos, sempre quando possível, fez referências a Shakespeare, Swift, Fielding, Sterne, Lamb, Thackeray e Dickens, entre outros. São inúmeras as indicações as personagens das peças de Shakespeare nas obras de Machado de Assis: *Hamlet*, *Otelo*, *Macbeth* e *Romeu e Julieta* são freqüentemente mencionadas nas obras do autor brasileiro.

Nas obras de Machado de Assis são abundantes os usos da citação, da referência e da alusão a outras obras de tradição literária. Não podemos negar que uma pessoa, ao longo de sua vida sofra influências de outras pessoas, assim como é também influenciado pelo contexto sócio-cultural no qual está inserido. O ser humano não vive sozinho, pois desde seu nascimento, sua identidade se delinea e se define graças à interferência de outras pessoas, de relacionamentos ou por meio de laços afetivos, ou por normas de comportamento, adquirindo conhecimentos de diversas naturezas.

É igualmente importante mencionar a influência exercida pelos vários segmentos do sistema sócio-político-cultural, pois esse sistema nos coloca em contato com outros sistemas, isto é, somos influenciados pelas leis, pelos benefícios do progresso científico e tecnológico e também pelas produções artísticas. O nosso “eu” é formado por múltiplos “eus”, sem, contudo, precisar negar nossa própria individualidade, conforme esclarece Nancy Maria Mendes:

(...) o discurso emitido por cada um de nós, apesar de certos traços particulares, contém falas, concepções e posturas dos outros. Por trás de nossa voz estão não só as vozes de nossos contemporâneos, mas também a

voz de uma humanidade de milênios, cujos ecos de alguma forma chegaram até nós ¹¹⁷.

Em relação à literatura, Mikhail Bakhtin¹¹⁸ considera que um texto é elaborado como se fosse um tecido de muitas vozes, ou seja, nenhum texto pode ser lido sem que várias outras influências se manifestem. O conhecimento de mundo, a bagagem literária e as experiências pessoais do leitor são considerados, por Bakhtin, como informações que são sempre trazidas para o novo texto, fazendo, desse modo, que a leitura seja um acontecimento particular e original para cada leitor. A esse fenômeno Julia Kristeva¹¹⁹ chamou de *intertextualidade*, e Bakhtin preferiu chamar de *dialogismo*, porque o que ocorre na verdade é um diálogo de textos que se complementam e se interligam uns aos outros.

O termo intertextualidade começou a ser usado por Júlia Kristeva, na França, na década de 60:

Todo texto é um mosaico de citações, todo texto é uma retomada de outros textos. Tal apropriação pode-se dar desde a simples vinculação a um gênero, até a retomada explícita de um determinado texto ¹²⁰.

No levantamento realizado sobre os momentos intertextuais presentes em algumas obras de Machado de Assis, destacam-se os mecanismos da citação, referência e alusão. De acordo com Graça Paulina et al.¹²¹ a citação é a retomada explícita de um fragmento de texto no corpo de outro texto. Trata-se de marcar com aspas ou outros recursos gráficos a presença do texto do outro para o leitor. A referência ocorre quando o autor revela explicitamente os nomes ou de uma personagem ou de um romance ou até mesmo do autor da obra. A alusão, por sua vez, não chega sequer a citar, limitando-se a aludir a esse ou àquele poeta, de maneira vaga e imprecisa. Esses conceitos são importantes para percebermos que uma obra literária nunca surge do nada. O texto literário estabelece um intercâmbio de discussões e debates com outros textos que estão implícitos ou explícitos nesse próprio texto.

Para trabalhar essa idéia de intertextualidade, observamos que Machado de Assis

¹¹⁷ MENDES, Nancy Maria. Intertextualidades: noções básicas. In: (org). PAULINO, Graça e WALTY, Ivete. *Teoria da literatura da escola: atualização para professores de I e II graus*. Belo Horizonte: UFMG (FALE), 1992. p. 29.

¹¹⁸ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e estética: teoria do romance*. 3ed. São Paulo: Editora Unesp, 1993. p. 106.

¹¹⁹ PAULINO, Graça et al. *Intertextualidade*. Belo Horizonte, Minas Gerais: Editora Lê, 1995. p. 21-22.

¹²⁰ *Ibid.*, p. 21-22.

¹²¹ *Ibid.*, p. 28-29.

dialoga não somente com uma literatura de tradição brasileira, mas também com toda uma literatura de tradição inglesa. Tomando a intertextualidade como premissa, ressaltamos a quantidade de referências aos escritores estrangeiros nas obras machadianas, e, em particular atenção, sobressaem os ingleses.

Machado de Assis faz dos textos estrangeiros que ele importa para seus próprios textos, uma ferramenta de trabalho, usando a referência, a citação e a alusão a serviço da técnica de narrar. Muitas vezes, esses mecanismos funcionam como complemento à caracterização de uma personagem, ou para encadear a trama romanesca, ou para servir ao narrador na sua necessidade de controlar a recepção do leitor. Na obra de Machado, essas referências são dispositivos narrativos, utilizados com todo um domínio técnico-artístico. Às vezes, ele nem chega a citar, limitando-se apenas a aludir a esse ou àquele escritor, de maneira vaga e indireta.

O leitor pode escolher se aceita a imprecisão e tentar entender a alusão, ou seja, tentar compreender por que e para que aquele determinado autor é convocado ao texto naquele momento. Machado de Assis aciona o conhecimento de mundo do leitor e espera que o mesmo venha compreender sua intenção, pois é esse leitor que compartilha do conhecimento de mundo do escritor, e, nesse caso, o autor encontra no leitor um colaborador. Nesse sentido, observamos, em muitas obras de Machado de Assis, a fala do narrador destinada a um público erudito.

De acordo com Germana Sales, o leitor erudito seria aquele para quem o escritor escreve objetivando transmitir informação ou instrução. O papel do leitor erudito seria suprir as lacunas ou vazios que exigem sua imaginação, sendo capaz de preenchê-los e integralizá-los, e de reconhecer na obra literária as referências que o autor faz a outros textos ou obras, além de ler outros idiomas, como inglês, francês e espanhol, entre outros. O autor acredita que o leitor erudito vai identificar qualquer informação cultural ou histórica quando estiver lendo determinada obra literária, como assegura Germana Sales:

(...) Os leitores sábios ou eruditos são aqueles para quem o autor escreve algo que julga lhes ser útil como informação ou instrução. Ao leitor considerado sábio pelo autor é facultado o direito de suprir as lacunas deixadas pelo autor no texto. É também considerado erudito o leitor conhecedor de outros idiomas (sobretudo latim, francês e inglês) e, para tanto, capaz de ler as epígrafes escritas em língua estrangeira que comumente vinham escritas no início dos prólogos e capaz também de

reconhecer as referências às obras clássicas ou figuras históricas ¹²².

Diante de uma obra supostamente escrita para um público seletivo, a presença da intertextualidade ratifica nossa posição. Assim, são vários os textos machadianos que exemplificam a recorrência à intertextualidade, como na advertência da primeira edição de seu romance *Ressurreição* (1872), Machado de Assis ilustra a narrativa com uma citação de Shakespeare. A citação, no caso, é de uma frase de Lúcio, na sua última cena do primeiro ato, da peça *Measure for Measure* (1604). A citação é transcrita no idioma de origem, o que exige também que o leitor conheça o idioma inglês e consiga entender o espírito da observação:

Our doubts are traitors,
And make us lose the good we oft might win,
By fearing to attempt ¹²³.

Entre outros exemplos da intertextualidade e referências inglesas na obra de Machado de Assis, *Hamlet* (1601), foi uma das peças mais presentes, especialmente o monólogo *To be or not to be*. Esse título foi, inclusive, o mesmo título dado por Machado de Assis a um de seus contos intitulado *To be or not to be*, publicado em 1876, no *Jornal das Famílias*. A moralidade do conto *To be or not to be*, de Machado tem como tema principal a reflexão filosófica de Hamlet, no sentido de que *o suicídio depende mais das impressões e disposições do momento, que da gravidade*. A personagem André Soares, do conto *To be or not to be*, estava em dúvida se cometia suicídio ou não, pois depois de perder cento e vinte mil réis e a noiva, a única solução era a morte:

Tendo perdido a esperança de obter um emprego de duzentos mil réis, quando apenas desfrutava um de cento e vinte mil réis, assentou André Soares de dar cabo da vida, no dia, porém, em que perdeu a noiva e o emprego de cento e vinte mil réis, com um insulto físico de quebra, não se matou, nem tentou matar-se, nem se lembra de o fazer. Tanto é certo que o suicídio depende mais das impressões e disposições do momento, que da

¹²² SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e sedução – uma leitura dos prefácios Oitocentistas (1820-1881)*. 2003. 197 p. Tese (Doutorado em Teoria Literária). Instituto de Estudos de Linguagem Estadual de Campinas, São Paulo. p. 61.

¹²³ ASSIS, Machado de. *Ressurreição*. 3 ed. São Paulo: Editora Ática, 1973. p. 08.

gravidade ¹²⁴.

Segundo Eugenio Gomes, Machado de Assis, ao se recuperar de uma grave enfermidade em Nova Friburgo, por volta de 1878, tinha consigo uma das obras de Shakespeare: *Hamlet*. Nesse mesmo período, a perspectiva da morte estava latente em seu ser, o que pode ter desencadeado um pessimismo diante da morte produzido em seu espírito pela tragédia hamletiana.

De acordo com Gomes, em *Dom Casmurro* (1900), no capítulo XVIII, *Os Vermes*, Bentinho, com o intuito de saber mais sobre a lança de Aquiles, pegou alguns “livros velhos, livros mortos, livros enterrados”, procurando assim, nos textos o significado para os dizeres “Ele fere e cura”. Nessa passagem, Machado faz alusão à personagem de Shakespeare, Hamlet, quando refletiu sobre a decomposição do corpo após a morte.

“... Catei os próprios vermes dos livros, para que me disseram o que havia nos textos roídos por eles.

– Meu senhor, respondeu-me um longo verme gordo, nós não sabemos absolutamente nada dos textos que roemos, nem escolhemos o que roemos, nem amamos ou detestamos o que roemos; nós roemos

Não lhe arranquei mais nada. Os outros todos, como se houvessem passado palavra, repetiam a mesma cantilena.

Talvez esse discreto silêncio sobre os textos roídos, fosse ainda um modo de roer o roído.” ¹²⁵

O mesmo assunto é tratado entre Hamlet e os *clowns*, a respeito da morte:

“Hamlet — Quanto tempo pode estar enterrado um homem antes de apodrecer?

C1. 1º — A falar a verdade, se não estiver podre antes de morrer — porque temos hoje muitos desses cadáveres bexigosos que mal suportam ser enterrados — poderá levar oito ou nove anos para apodrecer (...)” ¹²⁶.

Otelo (1604) também foi uma das peças de Shakespeare mais referidas por

¹²⁴ ASSIS, Machado de. *To be or not to be*. Disponível em: www.uol.com.br/machadodeassis. p. 10 Acesso em: 02/04/2004.

¹²⁵ GOMES, Eugênio. *Machado de Assis: influências inglesas*. Rio de Janeiro: Pallas Brasília, INL, 1976. p. 25.

¹²⁶ Ibid.

Machado de Assis. Tanto a peça de Shakespeare *Otelo*, como o romance *Ressurreição* de Machado de Assis, tem como tema central: o ciúme. Na peça *Otelo*, a personagem principal Otelo mata Desdêmona, sua esposa, pois imagina que ela o traiu com seu lugar-tenente Cássio. Essa intriga é toda elaborada por Iago que nutre um ódio implacável pelo seu capitão Otelo. No entanto, Otelo sem perceber a inveja de Iago, dá o emprego de lugar-tenente para Cássio. No romance *Ressurreição*, Luís Batista, a personagem que gosta de Livia, também articula mexericos para levar seu rival à capitulação pelo ciúme. Machado de Assis faz referência à personagem Iago comparando-o com Luís Batista:

Para alcançar esse resultado, era mister multiplicar as suspeitas do médico, cavar-lhe fundamente no coração a ferida do ciúme, torná-lo em suma instrumento de sua própria ruína. Não adotou o método de Iago, que lhe parecia arriscado e pueril; em vez de insinuar-lhe a suspeita pelo ouvido, meteu-lha pelos olhos ¹²⁷.

São evidentes também as referências às personagens de Shakespeare sobre o tema da traição, no romance *Helena* (1876), de Machado de Assis. A personagem Salvador, pai de Helena, percebe que fôra traído pela esposa Ângela, que o deixa para viver com o conselheiro. Ciúme e traição estão presentes em *Otelo*, temas recorrentes na obra *Helena*; Salvador sente-se enganado e traído por Ângela tal qual aconteceu com a personagem Otelo de Shakespeare. Novamente, Machado de Assis recorre à citação da obra shakespeariana para esclarecer a cena:

Poucos dias antes, a bordo, um engenheiro inglês que vinha do Rio Grande para esta Corte, emprestara-me um volume truncado de Shakespeare. Pouco me restava do pouco inglês que aprendi; fui soletrando como pude, e uma frase que ali achei fez-me estremecer, na ocasião, como uma profecia; recordei-a depois, quando Ângela me escreveu. “Ela enganou seu pai, diz Barbantio a Otelo, há de enganar-te a ti também.” ¹²⁸

Mais uma referência a Shakespeare aparece no conto *Pobre Finoca*, de 1891, publicado na *A Estação*, quando Machado de Assis reproduz a cena de um banquete, semelhante ao banquete ocorrido em *Macbeth*. No conto *Pobre Finoca* essa mesma cena se

¹²⁷ ASSIS, Machado de. *Ressurreição*. op. cit., p. 45.

¹²⁸ ASSIS, Machado de. *Helena*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro. p. 30.

passa dentro de uma loja de modas:

Todas as cadeiras estão ocupadas. The table is full; e, como em Macbeth, há um fantasma, com a diferença que este não está sentado à mesa, entra pela porta; é o idiota, perseguidor de Finoca, o suposto fiscal de teatro (...).¹²⁹

Outra citação a Lady Macbeth é feita no conto *Uma senhora* (1884), na comparação que Machado faz à obsessão de D. Camila com Lady Macbeth para livrar-se de um cabelo branco. Lady Macbeth vê por todo lugar, as manchas de sangue de Banquio e não consegue lavá-las. As manchas de sangue para a Lady Macbeth representam a tortura do assassinato cometido e o cabelo branco para D. Camila, representa o telegrama de velhice para a sua vaidade:

(...) Uma idéia expele outra, D. Camila anteviu-se no meio das luzes e das gentes, e depressa levantou o coração. Ficando só, tornou a olhar para o espelho, e corajosamente arrancou o cabelinho branco, e deitou-o à chácara. *Out, damned spot! Out!* Mais feliz do que a outra Lady Macbeth, viu assim desaparecer a nódoa no ar, porque no ânimo dela, a velhice era um remorso, e a fealdade um crime¹³⁰.

Além de Shakespeare, Jonathan Swift também esteve presente na narrativa do escritor brasileiro Machado de Assis. Em dois contos *O Imortal* e *O Alienista*, ambos de 1822, observa-se referências à obra deste autor inglês.

O primeiro conto narra a história de Rui Leão, que, ao se refugiar numa aldeia de índios casa-se com uma índia e é agraciado pelo sogro com a revelação de uma bebida que torna os homens imortais. Na ânsia da morte, Rui toma a bebida e fica logo bom. Imortal, Rui conservou-se moço, insinuante e varonil. Com a morte da esposa, Rui deixa a aldeia e volta à sociedade. Viajou para vários lugares do mundo, aprendeu várias línguas, e estudou todas as ciências e artes, exerceu várias profissões, participou de guerras e foi preso muitas vezes. Teve muitas mulheres e casou-se inúmeras vezes. Entretanto, continuava sempre jovem e belo, desafiando assim a morte.

O conto *O Imortal* faz alusão ao Capítulo X de *As Viagens de Gulliver* (1726), de

¹²⁹ GOMES, Eugênio. op. cit., p. 30.

¹³⁰ ASSIS, Machado de. *Uma senhora*. Disponível em: www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/titulo.html. p. 03. Acesso em: 04/06/2004.

Jonathan Swift, dedicado à ilha de Luggnagg. Os habitantes dessa ilha eram seres que estavam fadados a não morrerem nunca. O narrador de *As Viagens de Gulliver* fica muito atraído pela sorte dos habitantes da ilha, os *Struldbruggs*, e confessa que gostaria de ter nascido nessa ilha, pois dentro de duzentos anos, seria o homem mais rico de seu reino. Estudaria todas as artes e ciências, anotaria todas as variações que porventura poderiam acontecer, tanto nos costumes, na linguagem, na moda e na alimentação, como nas diversões. Diante de tanta fantasia, o narrador já poderia até ver os próximos séculos, as revoluções que aconteceriam na terra.

O narrador estava convencido de que ser um *Struldbrugg* seria continuar vivo e assim desfrutar da saúde e da riqueza para sempre. No entanto, o narrador não sabia que existia o outro lado da moeda, e que este lado significava que os *Struldbruggs* viviam como imortais até cerca de trinta anos, quando, a partir dessa idade, começavam a envelhecer e a melancolia e a depressão tomavam conta deles. Eles se tornavam rabugentos e mesquinhos e eram incapazes de gostar de alguém. Depois dos noventa anos, ficavam pálidos, sem o olfato e o paladar, perdiam os dentes e os cabelos. Diante dessa situação, o narrador sentiu-se envergonhado de querer ser um *Struldbrugg*, haja vista que viver dessa maneira seria o pior dos suplícios, ainda que a imortalidade fosse a glória de saúde e riqueza indispensáveis à felicidade humana.

É transparente a semelhança entre as duas narrativas, ambas com o mesmo tema: a imortalidade e suas conseqüências. Tanto o narrador de Gulliver quanto a personagem de *O Imortal*, o Rui Leão, renunciam à idéia de imortalidade, já que para eles o sonho de viver para sempre não seria um bom negócio.

Em nenhum momento Machado de Assis faz referência ou cita alguma passagem de *As Viagens de Gulliver*, ele apenas faz alusão ao tema da imortalidade, que está presente nas duas obras.

No conto *O Alienista*, Machado de Assis também faz referência ao ensaio de Swift intitulado *A serious and useful scheme to make an hospital for incurables*, no qual ele sugere a criação de um hospício para incuráveis morais. Para Swift, a galeria desses incuráveis era extensa, pois poderíamos encontrar os vadios, os incréus, os mentirosos, os fátuos e os impertinentes, os usurários, os agiotas, os juizes de paz, os biógrafos, os jornalistas e tantos outros. Para o escritor inglês, esses incuráveis morais deveriam ser internados, mas se isso realmente acontecesse, a receita do reino seria muito pouca para fazer face às despesas de hospitalizações.

O hospício, em *O Alienista*, tinha capacidade de recolher todos os loucos, os

furiosos e os mansos, entre outros. Quase quatro quintos da população estavam naquela instituição. A personagem Dr. Simão Bacamarte tinha como opinião, que a insanidade não poderia caber somente numa ilha e que um oceano também seria pouco para abarcar toda essa gente. Assim, Simão Bacamarte acaba recolhendo no hospício um cem número de pessoas que eram consideradas como normais. Um exemplo dessa atitude é o momento que Bacamarte resolve internar uma personagem chamada Costa:

Muita gente correu à Casa Verde, e achou o pobre Costa, tranqüilo, um pouco espantado, falando com muita clareza, e perguntando por que motivo o tinham levado para ali. – Ninguém suspeitava que Costa fora internado na Casa Verde por se um pródigo ¹³¹.

A partir de certa altura, não havia mais discernimento, pois qualquer coisa levava o cidadão para o manicômio Casa Verde, fosse avarento ou fosse pródigo.

Comparando as duas narrativas, percebemos uma analogia entre os reclusos da Casa Verde e os incuráveis de Swift. Ambos procuram mostrar a razão e a loucura. Swift, por meio do seu ensaio, quis revelar que a loucura não é doença especialmente dos loucos, pois muita gente normal, como os grandes conquistadores de impérios ou os fundadores de seitas filosóficas ou religiosas, perdem a razão e se tornam loucos para atingirem seus objetivos. Machado de Assis, igualmente, manifesta esse tema em *O Alienista*, uma vez que mostra que os néscios, os mentirosos, os patifes e os ricos, entre outros, são todos loucos, incluindo o próprio alienista.

A intertextualidade está presente no conto *O Alienista*, pois embora não apareça a citação explícita do escritor inglês e sua obra, ele somente faz alusão ao mesmo tema que Swift abordou em seu ensaio: o tema da loucura.

Outra referência a *Gulliver* aparece no capítulo XCIX, chamado *Na Platéia*, de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Nesse trecho, o narrador lembra de como o viajante Gulliver chega a um país de anões chamado *Lilliput*. Ele é capturado e amarrado pelos anões e não consegue se libertar. Na obra, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881), o narrador refere-se a esta mesma prisão:

“Ah! tu cuidavas encadear-me ao rochedo da tua frivolidade, da tua indiferença, ou da tua agitação? Frágeis cadeias, amiga minha; eu rompia-as

¹³¹ GOMES, Eugênio. op. cit., p. 42.

de um gesto de Gulliver.”¹³²

Além de Swift, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, são inúmeras as referências e citações às personagens das peças de Shakespeare. No capítulo I, que tem como título *Óbito do autor*, o narrador faz uma referência a Hamlet, pois o príncipe da Dinamarca reflete sobre os pesares e hesita entre subjugar-se ao destino ou enfrentá-lo com risco de perder a própria vida. Estas palavras foram ditas por Hamlet, na peça do mesmo nome, no conhecido monólogo do terceiro ato, que começa com *ser ou não ser: eis a questão*:

(...) Quem agüentaria fardos gemendo e suando numa vida servil, senão porque o terror de alguma coisa após a morte - o país não descoberto, de cujos confins não voltou jamais nenhum viajante - nos confunde a vontade, nos faz preferir e suportar os males que já temos, a fugirmos para outros que desconhecemos?¹³³

O narrador de *Brás Cubas* não tem tantas dúvidas quanto Hamlet tem a respeito desse país ainda não descoberto, ao mesmo tempo parece-lhe que todos temem a terra desconhecida, pois Brás Cubas faz uma reflexão sobre esse país desconhecido que metaforiza a morte, como se pode observar no trecho:

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei, E foi assim que cheguei à clausura dos meus dias, foi assim que me encaminhei para o *undiscovered country* de Hamlet, sem as ânsias nem as dúvidas do moço príncipe, mas pausado e trôpego, como quem se retira tarde do espetáculo¹³⁴.

Na mesma obra, no capítulo LXXXII – *Questão de Botânica*, o narrador informa que vai para o norte como secretário de província, com a intenção de realizar certos “desígnios políticos”. No capítulo seguinte, intitulado *13*, o narrador escuta alguns conselhos de que não devia viajar a fim de evitar um escândalo ou um desgosto maior, mas o narrador está em dúvida se viaja ou não para o norte, e novamente retoma as palavras de Hamlet:

Era o caso de Hamlet; ou dobrar-me à fortuna, ou lutar com ela e subjugar-la.

¹³² ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. op. cit., p. 107.

¹³³ Ibid, p. 12.

¹³⁴ Ibid, p. 12.

Por outros termos: embarcar ou não embarcar. Esta era a questão ¹³⁵.

No capítulo CXXIX, intitulado *Sem Remorsos*, novamente o tema da decomposição sob diversos aspectos mostra a preocupação do narrador com a morte. Ao mencionar Lady Macbeth, o narrador não deixa de chamar atenção para o delírio e o remorso da personagem, pois depois de instigar seu marido a matar o Rei Duncan, da Escócia, tem alucinações em que vê suas mãos manchadas de sangue:

Não tinha remorsos. Se possuísse os aparelhos próprios, incluía neste livro uma página de química, porque havia de decompor o remorso até os mais simples elementos, com o fim de saber de um modo positivo e conclusivo, por que razão Aquiles passeia à roda de Tróia o cadáver do adversário, e Lady Macbeth passeia à volta da sala a sua mancha de sangue ¹³⁶.

Em *Dom Casmurro*, também se encontram duas passagens em que Machado de Assis faz referência a *Macbeth*. Na tragédia de Shakespeare, Macbeth fala com as três feiticeiras que fazem as três profecias. A terceira feiticeira diz a Macbeth que será rei. Instigado por sua mulher, Lady Macbeth, Macbeth comete assassinatos e chega ao poder. No capítulo C, intitulado “*Tu serás feliz, Bentinho!*”, o narrador, tal qual Macbeth, também recebe a notícia de uma fada invisível, que lhe diz em voz igualmente macia e cálida que ele, Bentinho será feliz. Bentinho retorna Bacharel e está muito feliz, pois concluiu seus estudos. Ele via no seu futuro somente glórias, tanto no casamento como na carreira ilustre:

Ainda agora sou capaz de jurar que a voz era da fada; naturalmente as fadas, expulsas do conto e dos versos, meteram-se no coração da gente e falam de dentro para fora. Esta, por exemplo, muitas vezes a ouvi clara e distinta. Há de ser prima das feiticeiras da Escócia: “*Tu serás rei, Macbeth!*” – “*Tu serás feliz, Bentinho!*” ¹³⁷.

O capítulo LXII, do mesmo romance, que tem como título *Uma ponta de Iago*, Machado de Assis faz uma alusão à atitude de Iago, personagem da peça *Otelo* de Shakespeare, que era muito astuto e conhecia a fundo a natureza humana. Sabia que, de todos

¹³⁵ ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. op. cit., p. 94-95.

¹³⁶ Ibid p.126.

¹³⁷ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 18ed. São Paulo: Ática, 1987. p.112.

os tormentos que afligem o espírito humano, o ciúme é o mais doloroso e intolerável. Se conseguisse provocar em Otelo, o ciúme de Cássio, estaria apto a realizar com êxito seu plano execrável. Neste capítulo, José Dias aparece como uma *ponta de Iago*; e Bentinho como Otelo, pois a personagem José Dias despertou em Bentinho um ciúme violento. Bentinho queria compreender a razão pela qual Capitu vivia rindo, cantando ou pulando. Provavelmente, aos olhos de Bentinho, Capitu já tinha um namorado.

Novamente, no mesmo romance, no capítulo CXXXV, que se apresenta com o título de *Otelo*, Machado de Assis faz referência a peça *Otelo* e chama atenção para a cena do lenço.¹³⁸ Na obra de Machado, Bentinho nos informa da cena do lenço e aproveita para contar um pouco do drama das personagens Otelo e Desdêmona. A idéia de cometer suicídio passava pela cabeça de Bentinho. Para aliviar um pouco esse tormento, resolveu sair para jantar e à noite foi ao teatro assistir a uma peça que por coincidência era *Otelo*, de Shakespeare. Identificou seu problema com o enredo da peça e chegou à conclusão de que quem deveria morrer, era Capitu:

Jantei fora. De noite fui ao teatro. Representava-se justamente *Otelo*, que eu não vira nem lera nunca; sabia apenas o assunto, e estimei a coincidência. Vi as grandes raivas do mouro, por causa de um lenço! – um simples lenço! – e aqui dou matéria à meditação dos psicólogos deste e de outros continentes, pois não me pude furtar à observação de que um lenço bastou a ascender os ciúmes de Otelo e compor a mais sublime tragédia deste mundo. (...) Tais eram as idéias que me iam passando pela cabeça, vagas e turvas, à medida que o mouro rolava convulso, e Iago destilava sua calúnia. (...) Ouvi as súplicas de Desdêmona, as suas palavras amorosas e puras, e a fúria do mouro, e a morte que este lhe deu...¹³⁹

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no capítulo CVIII, intitulado *Que se não entende*, a personagem Iago novamente ronda a vida de Virgília e de Brás Cubas com sua frieza e astúcia, provocando um sentimento de ciúmes em Brás Cubas:

Eis aí o drama, eis aí a ponta da orelha trágica de Shakespeare. Esse

¹³⁸ No drama de Shakespeare, Otelo agarrou Iago pelo pescoço e exigiu provas de culpa de Desdêmona, ameaçando-o de morte por havê-la caluniado. Iago, fingindo indignação por ter sua sinceridade posta em dúvida, perguntou a Otelo se nunca vira nas mãos da esposa um lenço enfeitado com desenhos de morangos. Otelo respondeu que esse lenço fora presente dele, o primeiro que dera à Desdêmona. Iago confirma que foi com esse lenço que viu Cássio enxugar o rosto.

¹³⁹ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. op.cit., p. 142.

retalhinho de papel, garatujado em partes, machucados das mãos, era um documento de análise, que eu não farei neste capítulo, nem no outro, nem talvez em todo o resto do livro. Poderia eu tirar ao leitor o gosto de notar por si mesmo a frieza, a perspicácia e o ânimo dessas poucas linhas traçadas à pressa; e por trás delas a tempestade de outro cerebro, a raiva dissimulada, o desespero que se constringe e medita, porque tem de resolver-se na lama, ou no sangue, ou nas lágrimas?¹⁴⁰

Alguns estudos têm se debruçado sobre as referências inglesas nas obras Machadianas. Entre os autores que se ocupam desse tema, Fábio Lucas cita Helen Caldwell, que classifica *Dom Casmurro* como uma obra prima que está *impregnada de Shakespeare*, conforme afirma:

(...) “temos o mais belo romance de toda a América, ao passo que o autor, Machado de Assis, é uma jóia que os brasileiros possuem, digne de inveja do resto do mundo”. A tônica de estudo de Helen Caldwell incide sobre a natureza do ciúme que impregna o enunciado de Bentinho, o Dom Casmurro titular da fala e da visão do mundo da narrativa. A ensaísta americana, também tradutora de *D. Casmurro* ao inglês, busca demonstrar as impregnações shakesperianas do romancista brasileiro, além de tentar, um tanto imaginosa, decifrar alusões escondidas por detrás dos nomes próprios empregados por Machado de Assis. Assim, Santiago seria um composto de Santo mais Iago logo, a fusão do bem e do mal que existem em cada um de nós, já que, no drama *Otelo*, Iago representa a consciência perversa que atormenta o bom Otello¹⁴¹.

Além de Shakespeare, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, faz alusão ao poeta inglês William Wordsworth (1770-1850). Quando intitula o capítulo XI de *O Menino é o Pai do Homem*, Machado não cita o nome do poeta inglês, mas cita um dos versos de seu poema *My Heart Leaps Up* (Eu sinto o coração bater mais forte). A inferência ao poeta inglês é percebida por meio do título do capítulo, assim como também por meio do narrador quando afirma: o menino é o pai do homem, comprovando tal afirmação com alguns exemplos de sua infância:

Cresci; e nisso é que a família não interveio; cresci naturalmente, como

¹⁴⁰ ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. op. cit., p. 112.

¹⁴¹ LUCAS, Fábio. Apresentação. In: ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. 18ed. São Paulo: Ática, 1987. p. 05.

crecem as magnólias e os gatos. Talvez os gatos são menos matreiros, e, com certeza, as magnólias são menos inquietas do que eu era na minha infância. Um poeta dizia que o menino é pai do homem. Se isto é verdade, vejamos alguns lineamentos do menino¹⁴².

Podemos confirmar nossa alusão ao poema de William Wordsworth, *Eu sinto o coração bater mais forte*, traduzido por Paulo Vizioli a seguir:

Eu sinto o coração bater mais forte
Quando o arco-íris posso ver.
Assim foi quando a vida começou,
Assim é agora quando adulto sou,
E assim será quando eu envelhecer...
Senão, melhor a morte!
O menino é o pai do homem;
E eu hei de atar meus dias, cada qual,
Com elos da piedade natural.¹⁴³

No capítulo sobre prólogos que abre o livro XVI de *The History of Tom Jones, a Foundling* (1749), seu autor, Henry Fielding, esclarece que os prólogos e os capítulos devem ser curtos. Brás Cubas, ao confessar no prólogo das *Memórias Póstumas* que adotaria a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, deveria ter também acrescentado o nome do escritor inglês Henry Fielding. O autor de *Dom Casmurro* trabalha com títulos e com capítulos curtos, bem à moda de Fielding e de Sterne. Como se pode observar, o prólogo, endereçado ao leitor:

(...) Trata-se, na verdade, de uma obra difusa, na qual eu, Brás Cubas, se adotei a forma livre de um Sterne ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo.

Mas eu ainda espero angariar as simpatias da opinião, e o primeiro remédio é fugir a um prólogo explícito e longo. O melhor prólogo é o que contém menos coisas, ou o que as diz de um feito obscuro e truncado¹⁴⁴.

¹⁴² ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. op. cit., p. 58.

¹⁴³ WORDSWORTH, William. *Poesia selecionada*. Tradução Paulo Vizioli. São Paulo: Edições Mandacaru, 1988. p. 49.

¹⁴⁴ ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. op. cit, p. 12.

Mas é exatamente com Sterne que Machado de Assis adquire a forma livre de escrever, desafiando assim, as regras da escola clássica. Sterne, ao escrever *The Life and Opinions of Tristram Shandy* (1759-1767), fugiu das normas da escola aristotélica de probabilidade interna, libertando dessa maneira sua narrativa de obras coerentes e cronologicamente divididas. Sterne propõe que a sua obra revele:

(...) as opiniões do protagonista, suas digressões sobre episódios e pessoas, sua ironia frente à sociedade e comportamento humanos, assumem desde o início uma importância igual à história de sua vida. Com isto, opondo-se à tradição narrativa de seu tempo, tenta a aventura romanesca de unir a criação e a reflexão, fundindo a matéria romanesca e o ensaio, problematizando as questões fundamentais do ser humano ¹⁴⁵.

Na obra *Quincas Borba* (1891), capítulo CXII, o narrador esclarece que gostaria de ter dado ao seu livro o método que tantos outros escritores usaram: a matéria do capítulo era posta no sumário. O narrador exemplifica esse método citando dois escritores ingleses, que costumavam iniciar os capítulos com pequenos sumários ou então alertavam o leitor por meio do título, que o capítulo seria pequeno, somente de cinco folhas:

Das línguas estranhas, (...) bastavam-me Fielding e Smollet, muitos capítulos dos quais só pelo sumário estão lidos. Pegai em *Tom Jones*, livro IV, cap. I, lede este título: *Contendo cinco folhas de papel*. É claro, é simples, não engana a ninguém; são cinco folhas, mais nada, (...) ¹⁴⁶.

Machado de Assis, com a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, pretendia revolucionar a forma habitual dos romances brasileiros, pois, ao modelo de Sterne, não escreveu uma narrativa cronológica, linear, na qual é desvalorizada a intriga e valorizada muito mais a reflexão sobre o comportamento dos seres humanos. Em Sterne, a temporalidade na obra não segue a ordem cronológica tradicional, o que vai interessar é o jogo livre da vida psicológica, mostrando detalhes aparentemente íntimos, tais como as suas meditações sobre um par de botas, uma borboleta preta, as moscas e a ponta do nariz. Igualmente em alguns capítulos de *Brás Cubas*, percebe-se que Machado de Assis adotou esta forma do escritor

¹⁴⁵ BRAYER, Sonia. *Labirinto do espaço romanesco: tradição e renovação da literatura brasileira, 1880-1920*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1979. p. 73.

¹⁴⁶ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. 13ed. São Paulo: Atica, 1995. p. 83.

inglês: XXXI – *A borboleta Preta*, XXXVI – *A propósito de botas*, LXVI – *As pernas*, XLIX – *A ponta do nariz*, entre outros.

Sterne no capítulo 40 do livro VI de *Tristram Shandy*, procura alertar o leitor para a forma ziguezagueante, não reta, de escrever seu romance:

I am now beginning to get fairly into my work; and by the help of a vegetable diet, with a few of the cold seeds, I make no doubt but I shall be able to go on with my uncle Toby's story and my own in a tolerable straight line ¹⁴⁷.

Machado de Assis igualmente, na mesma obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, capítulo LXXI, intitulado *O senão do livro*, esclarece por meio do narrador que a leitura de seu livro não será uma leitura de narração direta, não terá um estilo regular e fluente, mas sim incerto e irregular, pois vai contra as leituras cronologicamente e regularmente elaboradas. Machado de Assis procura, neste capítulo, explicar a sua estrutura de escrita assim como Sterne procura esclarecer também sua maneira de escrever para o leitor:

(...) Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda divagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e a esquerda, andam e param, resmungam, erram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem... ¹⁴⁸

As referências às obras inglesas são efetivas no enredo machadiano. Em *Memorial de Aires* (1908), Machado de Assis cita a história mais famosa e reconhecida de Shakespeare: *Romeu e Julieta* (1595). A velha incompatibilidade entre as famílias dos namorados (Capuletos e Montagues) impediu que ambos realizassem sua paixão amorosa. A mesma trama acontece em *Memorial de Aires*, pois o pai e o sogro da personagem Fidélia eram inimigos políticos:

¹⁴⁷. [Eu estou agora começando honestamente a trabalhar na minha obra, e com a ajuda de uma dieta vegetariana, com algumas sementes geladas, eu não duvido mas, eu serei capaz de continuar com a história do meu tio Toby na minha própria intolerável linha cronológica] GOMES, Eugênio. op. cit., p. 54

¹⁴⁸ Ibid. p. 54.

A única particularidade da biografia de Fidélia é que o pai e o sogro eram inimigos políticos, chefes de partido na Paraíba do Sul. Inimizade de famílias não tem impedido que os moços se amem, mas é preciso ir a Verona ou alhures. E ainda os de Verona dizem comentadores que as famílias de Romeu e Julieta eram antes amigas e do mesmo partido; também dizem que nunca existiram, salvo na tradição somente na cabeça de Shakespeare ¹⁴⁹.

Em *Quincas Borba*, Machado de Assis cita a peça *A Tempestade* (1611) de Shakespeare. No capítulo LXXXII, o narrador tem a intenção de mostrar ao leitor o desequilíbrio mental de Rubião, pois isto já era o prenúncio de uma irremediável loucura. Machado faz referência à atmosfera mágica da ilha de Próspero. Próspero, duque de Milão, e sua filha Miranda eram os únicos habitantes de uma ilha perdida na imensidão do mar. Eles moravam em uma gruta e lá Próspero guardava seus livros de artes mágicas. Com seus conhecimentos, conseguiu libertar muitos espíritos bons aprisionados por Sycorax. Ariel, que era chefe dos espíritos bons, tornou-se obediente à vontade de Próspero. O narrador de *Quincas Borba* compara a ilha de Próspero, cheia de deusas e versos, com uma outra ilha que Rubião fantasia com reis e rainhas, inclusive o próprio Próspero, duque de Milão poderia fazer parte:

Esses sonhos iam e vinham. Que misterioso *Próspero* transformava assim uma ilha banal em mascarada sublime? “Vai, *Ariel*, traze aqui os teus companheiros, para que eu mostre a este jovem casal alguns feitiços da minha feitiçaria.” As palavras seriam as mesmas da comédia; a ilha é que era outra, a ilha e a mascarada. Aquela era a própria cabeça do nosso amigo; esta não se compunha de deusas nem de versos, mas de gente humana e prosa de sala. Mais rica era. Não esqueçamos que o Próspero de Shakespeare era um duque de Milão; e eis aí, talvez, por que se meteu na ilha do nosso amigo ¹⁵⁰.

Em *Memorial de Aires*, Machado de Assis cita o poeta inglês Percy Bysshe Shelley. O narrador, ao citar Shelley, primeiramente pensa em verso, pois este verso foi justamente aquele que o narrador leu alguns dias atrás, coincidindo assim com seu estado de espírito:

Não pensei logo em prosa, mas em verso, e um verso justamente de Shelley,

¹⁴⁹ ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. São Paulo: Editora Cultrix.Ltda. p.27. A história de Romeu e Julieta passa-se em Verona, cidade italiana do norte.

¹⁵⁰ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. op. cit., p. 98.

que relera dias antes, em casa, como lá ficou dito atrás, e tirado de uma das suas instâncias de 1821:

I can give not what men call love

Assim disse comigo em inglês, mas logo depois repeti em prosa...¹⁵¹

Em *Iaiá Garcia* (1878), no capítulo VI, a personagem Estela, sente-se indignada com os beijos que recebeu da personagem Jorge, filho da viúva, Valéria Campos. Ela tenta extinguir os beijos, como Lady Macbeth também, tenta eliminar as manchas de sangue que vê por todo lugar no castelo:

Depois do episódio da Tijuca, parecia-lhe aquele favor uma espécie de perdas e danos que a mãe de Jorge liberalmente lhe pagava, uma água virtuosa que lhe lavaria os lábios dos beijos que ela forcejava por extinguir, como Lady Macbeth a sua mancha de sangue. *Out, damned spot!*¹⁵²

As citações à literatura inglesa aparecem também entre as leituras das personagens Machadianas. *Saint-Clair das Ilhas*, da escritora inglesa Elizabeth Helme, é o romance preferido das personagens de Machado de Assis, sendo citado em *Quincas Borba* (1891), no capítulo CXXXII, quando a personagem Siqueira abre o primeiro volume de *Saint-Clair das Ilhas* no capítulo que ele já conhecia de cor:

(...) Dona Tinoca entrou e foi ao pai, que se estendera no canapé, para reler o velho Saint-Clair da Ilhas ou os desterrados da ilha da Barra. (...) “Enchei bem os vossos copos, exclamou Saint-Clair, e bebamos de uma vez; eis o brinde que vos proponho. À saúde dos bons e valentes oprimidos, e ao castigo dos seus opressores. Todos acompanharam Saint-Clair, e foi de roda a saúde”.¹⁵³

No romance *Helena*, de Machado de Assis, a personagem D. Úrsula também lê *Saint-Clair das Ilhas*. Leitura que já havia feito pela centésima vez:

¹⁵¹ ASSIS, Machado de. *Memorial de Aires*. op. cit., p.31-32. Trata-se da segunda estrofe de um dos vários poemas escritos por Shelly chamado *One Word is too often profaned* (Uma palavra é muito freqüentemente profanada). *I can give not what men call love* [Eu não posso oferecer o que os homens chamam de amor].

¹⁵² ASSIS, Machado de. *Iaiá Garcia*. 8ed. São Paulo: Ática, 1993. p. 44.

¹⁵³ ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. op. cit., p.154.

(...) D. Úrsula, pachorrentamente sentada na poltrona de seu uso, ao pé de uma janela, a ler um tomo do Saint-Clair das Ilhas, enternecida pela centésima vez com as tristezas dos desterrados da ilha da Barra, (...) ¹⁵⁴.

Além de *Saint-Clair das Ilhas*, outras leituras inglesas referidas, como na obra *Quincas Borba*, capítulo CLXXIV, a personagem Carlos Maria está conversando com sua esposa, Maria Benedita a respeito da posse de Teófilo, o novo ministro. Carlos Maria estava, naquele momento, comodamente lendo uma revista inglesa, especificamente um estudo de um escritor inglês:

O marido sorriu e tornou à revista inglesa. (...) continuou a ler um estudo de Sir Charles Little, M. P., sobre a famosa estatueta de Narciso, do Museu de Nápoles ¹⁵⁵.

Com base nas referências e citações retiradas das obras de José de Alencar e Machado de Assis, apresento, a seguir um panorama, no qual procuro classificar tais exemplos de acordo com sua categoria.

¹⁵⁴ ASSIS, Machado de. *Helena*. op. cit., p.38.

¹⁵⁵ Assis, Machado de. *Quincas Borba*. op. cit., p.89.

Referências e citações encontradas nas obras de José de Alencar e Machado de Assis

Vocabulário	Usos e costumes	Expressões	Cidadãos e Escritores	Ficção	Lugares
	Havia muito de inglês no seu trato p. 73			Carlos Feeland (...) não tínhamos, p. 84	como a Inglaterra, esse manto de Chumbo que pesa sobre a cabeça dos filhos da Grã-Bretanha; p. 66
Cinco Minutos					
	Pontualidade dos ingleses p. 7 Pontual como um inglês p. 44	Palavra de Byron: – Away! p. 33	Ricardo III: Rei da Inglaterra p. 32	Novo Mazzeppa: personagem de Byron p.33	Londres p. 40 Paquete inglês p. 40
Ressurreição					
Gentleman p. 15				Shakespeare: Our doubts are traitors, And make us lose the good we oft might win, By fearing to attempt. p. 8	
				Ilha de Robinson p. 27	
				Iago p. 48	
Helena					
Falava corretamente a língua inglesa p. 14			Cromwell p. 116	Diz Barbantio a Otelo p. 183	
Largo à inglesa p. 92			Engenheiro inglês que vinha do Rio Grande para esta corte, emprestara-me um volume de Shakespeare p. 182	Saint-Clair das Ilhas p. 38	
Senhora					
Luncheon p. 118			Poeta Thomas Chatterton (1752-1770) p. 21	Desdêmona p. 183	Centro de vasto jardim inglês p. 58
Lanche p.				Otelo p. 189	Hyde Park in

119
Bardo ingles
p. 134-5

Poeta Byron p. 43/183/185
Shakespeare p. 183/203
Romeu e Julieta p. 203
Poema Parisina de Byron p. 134
Poema Corsário de Byron p. 135
Devaneios poéticos de Byron p. 142
Londres p. 154
Londres p. 185
Inglaterra p. 168

Diva

Milton p. 68
Shakespeare p. 68
Macbeth p. 61
Romeu p. 64
Otelo p. 64
Hamleto p. 68

O Tronco do Ipê

Filantropos ingleses p.113
Shakespeare p.33
Londres p. 113

Til

Dogues (dog)
p. 99

Memórias Póstumas de Brás Cubas

O lunchon p. 86
Baby p. 101/112

Godemes p. 103
Ana Bolena p. 103
Cromwell p. 132
Shakespeare p. 112
Sterne p. 12
Lord Byron p. 44
William Wordsworth p. 26
Undiscovered country de Hamlet p. 13
Uma bruxa de Shakespeare p. 34
Hamlet p. 94
Otelo p. 106
Gulliver p. 107
Lady Macbeth p. 126
As you like it p.46

Dom

Casmurro

Colombo p. 49
Benjamin Franklin p. 94
Walter Scott p. 36
The Merry Wives of Windsor p. 21
Iago p.78
“Tu serás rei,

Macbeth!" p.
112
Otelo p.142
Desdêmona p.
143

Lucíola

Budget p. 55

Poeta
Byroniano p
38

A Pata da Gazela

Otelo p. 24 Colégio Hitching p.
48

Esaú e Jacó

Restaurant p.
121

Macbeth p. 71 Londres p. 10
Lady Macbeth
p. 71
Velho inglês p.
10
Hamlet p. 143

Iaiá Garcia

I love p. 91

Dandies p. 20
Out, damned
spot! p.44
Good
evening, my
dear mestre!
p. 89

Lady Macbeth
p. 44

Encarnação

Menu p. 103

Maria Stuart p. Walter Scott p. Londres p. 84
16 16

Memorial de Aires

Inglês p.31
Poker p. 72-3
Whist p. 72
Bluff p. 73

I can not, etc. Shakespeare p. Romeu e Bath p. 69
p. 47 47 Julieta p. 27-8
I can, etc. p. Shelley p. Romeu p. 28
147 29/31/33/166/147 I can give not
/47 what men call
Thackeray p. 29 love... p. 31-33
Poeta inglês
Shelley p. 82

O Sertanejo

Dessert p.

Sonhos D'Ouro

- Cockney p. 30
 Young gentelman p. 30
 Gooden p. 52
 Libra esterlina p. 66
 Steeple-chase p. 70
 Shocking! p. 57
 Puff p. 158
 Humbug p. 158
 Yes p. 29
 Baby! Baby! p. 30
 Maelstrom p. 67
 Nonsense p. 131
- Educação e elegância britânica p. 27
 Lorde e gentelman p. 27
 Ferradura inglesa um tanto estava denunciando a pata aristocrática de Edgard p. 47
 Illustrated London News p. 74
 Educação inglesa p. 115
 Coroa, parlamento e ministro p. 70
 (...) inglesas que pesassem dez quintas portuguesas p. 50
 (...) inglês muito magro... p. 52
 Romances ingleses p. 173
 Escola inglesa p. 174
 Soco inglês p. 196
 Jantar perto da inglesa significava... p. 74
 Os ingleses herdaram(...) o sentido da higiene p. 58
 (...) eles neutralizaram inglesa a nossa Tijuca; p. 58
- Why do you laugh, baby? p. 29
 My love, my soul, my darling Harriet, my pretty Mrs. Trowshy!! p. 30
 Oh! Beautiful! Very beautiful! p. 44
 What horror! p. 165
 How funny!...How funny!... p. 165
 What!... p. 210
 Child! Dear child!... p. 210
 Filhos da loura Albion p. 57
 -Is he coming? - Why not? p. 27
- Pitt and Fox p. 28
 Rainha Vitória p. 68
 Dr. Thomas Cochrane p. 105
 Milton p. 171
 Charles Dickens p. 172
 -The immense, the prodigious Shakespeare!... p. 131
- Romeu e Julieta p. 131
 Inglaterra p. 176-205
 Grã-Bretanha p. 58
 Mrs. Trowshy, governanta inglesa e professora de Guida p. 30
 Como, gentle night, come, loving, black brow'd night, Give me my Romeo, and when he shall die, Tell him, and cut him out in little stars, And he will make the face of heaven so fine, That the world will be in love with night And pay no worship to the garish sun. p. 131
 Otelo e Desdêmona p. 196

O grito dos
Highlanders p.
58
(...) o inglês
inventará uma
pedra ainda... p.
58
Coverta inglesa
p. 101

Sagaz inglesa p.
38
Roupas
seriamente
britânicas p. 87
Câmara dos
Comuns p.87
Como uma boa
protestante que
era, tinha a
Escritura na
ponta dos dedos
p. 30

A Mão e a

Luva

Thomas Robert	Puro	Ilhas Britânicas p. 38
Malthus p.11	Byronismo p.	
Lorde Macaulay	18	
p. 18	Otelo p.19	
Walter Scott p.	As fadas de	
28	Shakespeare p.	
Milton p. 28	22	
Rainha da	Britanicamente	
Inglaterra p.	, Mrs. Oswald;	
30/87	governanta	
	inglesa p.27	
	Walter Scott,	
	edição	
	Constable, de	
	Edimburgo p.	
	51	

Quincas

Borba

Revista inglesa	“Há mais	John Roberts	Otelo p. 49/94	Casa Wilkinson p.
p. 188/191	mistérios	p. 87	Tristan	87
Gravuras	entre o céu e	Ingleses p. 149	Shandy p. 49	Inglaterra p.87
inglesas p. 14	a terra do que	Sir Charles Little,	Desdêmona p.	Cemitério dos
	sonha a nossa	M. P. p. 191	94	Ingleses p. 105
	vã filosofia”	Byron p. 18	Próspero e	
	frase de	Fielding p. 131	Ariel de	
	Shakespeare	Smollet p. 131	Shakespeare	
		Shakespeare p.	The Tempest	
		186	p. 100	
			Polonius e	
			Hamlet p. 128	
			Tom Jones p.	
			131	
			Saint Clair das	
			Ilhas p. 154	
			Hamlet p.	
			186/187	
			Horácio p.	

Conclui-se, a partir das observações feitas que a presença inglesa foi significativa na obra desses dois romancistas brasileiros. Fato comprovado pela interferência cultural no vocabulário, nos costumes, expressões e lugares referidos. Ressalta-se, entretanto, que tais referências não interferiram na narrativa brasileira para denegri-la, mas para enriquecê-la, uma vez que a nossa literatura criou sua própria identidade, assimilando as diversas faces dos diferentes povos que por aqui deixaram suas marcas. Os ingleses foram um deles.

Considerações Finais

— *The immense, the prodigious
Shakespeare!...*

(*Sonhos D'Ouro, José de Alencar*)

A ascensão e a formação do romance na Inglaterra no século XVIII trouxe para o mundo da ficção uma nova concepção de leitura: a leitura de romances. A idéia principal dos romancistas da época era retratar a vida como ela realmente era, cheia de conflitos, contradições e dificuldades. O novo gênero se consolidou tendo como fundamento principal à vida privada e doméstica do homem comum. Assim, o romance se afirma conquistando leitores, tornando-se um gênero respeitado e admirado. O romance inglês encontrou solo fértil no Brasil no século XIX entre os escritores brasileiros, período em que a literatura brasileira ainda em formação, beneficiou-se com o surgimento de bibliotecas e gabinetes de leitura. Nossos escritores seguiram as normas elaboradas pelos ingleses. A história de amor, de aventura, de paixões com ensinamentos morais, ou seja, o princípio horaciano do útil e do agradável foi seguido pelos nossos escritores.

A participação dos ingleses na vida social, política e cultural do Brasil no século XIX foi uma surpresa para mim. Como professora de língua e de literaturas em língua inglesa, a pesquisa em questão veio me ajudar a compreender certos trechos dos romances de José de Alencar e Machado de Assis referentes aos ingleses, observando como eles trouxeram vários hábitos como andar a cavalo, o chá das cinco, o terno branco; na tecnologia, eles trouxeram igualmente a iluminação a gás, o barco a vapor, as redes de esgoto, as ferrovias, entre outros. Naquela época era necessário estudar inglês para poder trabalhar com os ingleses que mantinham negócios no Brasil. Não podemos deixar de mencionar a presença de alguns viajantes ingleses no Brasil, pois tal fato confirma o interesse e admiração desse povo pelo território brasileiro, assim como, acredita-se que seja interessante reforçar a importância que eles tiveram na divulgação da cultura brasileira pelo mundo.

Com respeito aos escritores brasileiros, tanto José de Alencar quanto Machado de Assis sofreram influências da presença inglesa no Brasil. Nesse sentido, observa-se que José de Alencar foi mais crítico em relação às influências inglesas do que Machado de Assis. Quando José de Alencar escolheu *Sonhos D'Ouro* para divulgar a presença inglesa no

território brasileiro, percebemos uma crítica sobre a influência dos ingleses na vida social, política e econômica do país. Para Alencar, essa influência, define o Brasil como um país de várias raças, tradições e línguas e juntamente com a cor local, compõem uma outra realidade, tipicamente brasileira.

Em Machado de Assis percebe-se uma crítica irônica no romance *A Mão e a Luva*, quando aparece uma governanta inglesa com todas as características de um general para comandar a casa da baronesa. Por outro lado, Machado de Assis foi apaixonado pelos escritores ingleses e, essa paixão, a meu ver, só vem confirmar sua admiração por essa literatura. É notório, igualmente, a presença de referências, citações e alusões de escritores ingleses do século XVIII na obra de Machado de Assis, pois elas apontam para indícios de que realmente o escritor trabalhou durante o século XIX, com a cultura inglesa, divulgando seus usos e costumes, seus escritores, seu idioma e suas paisagens, aproveitando também para denunciar todo um contexto social, político e cultural pelo qual passou especialmente o Rio de Janeiro com a presença dos ingleses em território brasileiro.

Este trabalho foi um estímulo para prosseguir com a pesquisa, ampliando o campo de estudo e avaliando a presença inglesa no Pará, durante o século XIX. Concentrando a investigação nos periódicos e verificando a influência inglesa nos folhetins, aqui publicados, na segunda metade do século XIX. Tenho certeza de que este trabalho será de grande valor para avaliarmos a presença inglesa em nossa região.

Referencias

ABREU, Márcia. *O Caminho dos livros*. Campinas: Unicamp, 2002. Tese de livre-docência apresentada na Universidade Estadual de Campinas.

ABREU, Márcia et al. *Caminhos do romance no Brasil: séculos XVIII e XIX*. In: www.unicamp.br/iel/memoria/caminhos/estudos/ensaios/index.htm

ALENCAR, José de. *Sonhos D'Ouro*. 3ed. São Paulo: Ática, 2000.

_____. *Senhora*. São Paulo: Editora Moderna, 1993.

_____. *O Tronco de Ipê*. 10ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *Til*. São Paulo: Ática, 1980.

_____. *Cinco Minutos e A Viuvinha*. 15ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Diva*. 2ed. São Paulo: Ática, 1984.

_____. *Lucíola*. São Paulo: Editora Martin Claret, 2002.

_____. *Como e Porque sou Romancista*. In: www.bibvirt.futuro.usp.br/textos/autores/josedalencar/comoeporquesou/comoeporquesou.html.

_____. *Encarnação e Diva*. São Paulo: Clube do Livro, 1949.

_____. *O Sertanejo*. 8 ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1962.

_____. *A Pata da Gazela*. 5ed São Paulo: Ática, 1977.

ARISTOTÉLES. *Poética*. 2ed. Tradução Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

ASSIS, Machado de. *A Mão e a Luva*. 9ed. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. 15ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Ressurreição*. 3ed. São Paulo: Ática, 1973.

_____. *Helena*. São Paulo: Edições Ouro. s.d.

_____. *Quincas Borba*. 13ed. São Paulo: Ática, 1995.

_____. *Dom Casmurro*. 18ed. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Memorial de Aires*. São Paulo: Editora Cultrix Ltda.

_____. *Iaiá Garcia*. 8 ed. São Paulo: Ática, 1993.

_____. *O Alienista*. In: www2.uol.com.br/machadodeassis/machado.html

_____. *Esau e Jacó*. 2ed. São Paulo: Ática, 1977.

_____. *Casa Velha*. Porto Alegre: Editora Paraula, 1994.

AUGUSTI, Valéria. *O caráter pedagógico-moral do romance moderno*. In: www.scielo.br/scielophp?script=sci_artles.

_____. *Romances e Literatura Prescrita: caminhos para moralizar e civilizar o leitor*. In: www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/index.htm.

BAHKTIM, Mikhail. *Questões de Literatura e Estética: teoria do romance*. 3ed. São Paulo: Editora UNESP, 1993.

BENCHIMOL, Samuel. *Tempo dos Ingleses*. In: *Amazônia – Formação Social e Cultural*. Manaus: Editora Valer, 1999.

BRAIT, Beth. *A Personagem*. 5ed. São Paulo: Ática, 1993.

BRAYER, Sonia. *Labirinto do espaço romanesco: tradição e renovação da literatura brasileira, 1880-1920*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, Brasília: INL, 1979.

BRITO, Broca. *Românticos, Pré-Românticos, Ultra-Românticos, Ultra-Românticos: vida literária e romantismo brasileiro*. São Paulo: Livraria e Editora Polis Ltda., 1979.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 4ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

BURGESS, Anthony. *A Literatura Inglesa*. 2ed. Tradução Duda Machado. São Paulo: Ática, 2004.

BURKE, Maria Lúcia Garcia Pillares. *Ingleses no Brasil: Um quase Manifesto*. In: <http://nmnt.fgf.org.br/artigos/inglesa.html>.

CANDIDO, Antonio. *A Personagem de Ficção*. 9ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. *Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)*. 2v. 6ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1981.

_____. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2ed. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHO, Beth Capelache de. *Histórias e Lendas de Santos – Os imigrantes*. In: www.novomilenio.inf.br/santos/h0150g.html.

CEVASCO, Maria Elisa e Siqueira, Valter Lellis. *Rumos da Literatura Inglesa*. 3ed. São Paulo: Ática, 1988.

CITELLI, Adilson. *Romantismo*. 3ed. São Paulo: Ática, 1993.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil*. 2ed. Rio de Janeiro: Editora Sul Americana S. A., 1969.

_____. *A Literatura no Brasil: Era Romântica*. 6ed. São Paulo: Global, 2002.

DEFOE, Daniel. Prefácio do romance *Moll Flanders*. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

FREYRE, Gilberto. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência Britânica sobre a Vida, a Paisagem e a Cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1948.

GOMES, Eugênio. *Machado de Assis - influências inglesas*. Rio de Janeiro: Pallas, Brasília, INL, 1976.

GRAÇA, Paulino et al. *Intertextualidades: teoria e prática*. Belo Horizonte, Minas Gerais: Editora Lê, 1995.

JOBIM, José Luís. (org.). *Introdução ao Romantismo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1999.

_____. (org.). *A Biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

LAJOLO, Marisa. *Como e por que ler o Romance Brasileiro?* Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

_____. *Literatura: Leitores e Literatura*. São Paulo: Moderna, 2001.

_____. *Do Mundo da Leitura para a Leitura do Mundo*. 6ed. São Paulo: Ática, 2000.

LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *A Formação da Leitura no Brasil*. 3ed. São Paulo: Ática, 1999.

LINHARES, Temístocles. *Introdução ao Mundo do Romance*. 2ed. São Paulo: Quíron; Brasília, INL, 1976.

LUSTOSA, Isabel. *O Nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2003.

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o romantismo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

MANCHESTER, Alan K. *Preeminência Inglesa no Brasil*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1973.

MENDES, Nancy Maria. Intertextualidade: noções básicas. In: PAULINO, Graça e WALTY, Ivete. (org.) *Teoria da literatura na escola: atualizações para professores de I e II graus*. Belo Horizonte: UFMG/FALE, 1992.

MENDONÇA, Hélio João. *Alguns Aspectos da Influência Britânica sobre a Vida Brasileira e Comentários em Torno do Livro Ingleses no Brasil de Gilberto Freyre*. In: <http://nmnt.fgf.org.br/artigos/alguns/aspectos.html>.

REIS, ARTHUR César Ferreira. *Limites e Demarcações na Amazônia Brasileira*. 1v. 2ed. Belém: SECULT, 1993.

SADE, Marquês de. *Os crimes do amor e A arte de escrever ao gosto do público*. Tradução de Magnólia Costa Santos. Porto Alegre: L& PM, 2002.

SALES, Germana Maria Araújo. *Palavra e Sedução – Uma Leitura dos Prefácios Oitocentistas (1826-1881)*. Campinas, São Paulo, 2003. Tese de Doutorado apresentado no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Uma Biblioteca Desaparecida: the Rio de Janeiro British Subscription Library*. In: www.unicamp.br/iel/memoria/caminhos/estudos/ensaios/index.htm

SILVA, Leonardo Dantas. *Koster: O mais fiel retratista da paisagem*. In: www.fundaj.gov.br/docs/rec/rec02.html.

SILVA, Victor Manoel de Aguiar e. *Teoria e Metodologia Literárias*. Lisboa: Universidade Aberta, s.d.

SWIFT, Jonathan. *As Viagens de Gulliver*. Tradução Cruz Teixeira. São Paulo: Editora Brasileira Ltda, 1964.

VASCONCELOS, Sandra G. T. *Dez Lições sobre o Romance Inglês do Século XVIII*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. *A Formação do Romance Inglês: Ensaio Teórico*. São Paulo: USP, 2000. Tese de Livre Docência apresentada na Universidade de São Paulo – USP.

_____. *Formação do Romance Brasileiro: 1808-1860 (Vertentes Inglesas)*. In: www.unicamp.br/iel/memoria.

_____. *Leituras Inglesas no Brasil oitocentista*. In: www.intercomorg.br/papers/XXV-ci/np04/NPAVAS-CONCELOS.pdf.

_____. *British contributions to the making of the Brazilian Novel*. In: www.brasil.ox.ac.uk/workingpapers/Sandra%20Vasconcelos%2061.pdf.

WATT, Ian. *A Ascensão do Romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

WORDSWORTH, William. *Poesia selecionada*. Tradução Paulo Vizioli. São Paulo: Edições Mandacaru, 1988.

ZILBERMAN, Regina. *Fim do Livro, Fim dos Leitores?* São Paulo: Editora SENAC, 2000.

Crédito de Imagens:

Inglesinha, Estação da São. Paulo Railway Company, de Arquivo de *A Tribuna*. Em www.novomilenio.inf.br/santos/hoi50g.htm.

